

# Correio das Artes

Suplemento  
literário do  
Jornal A União

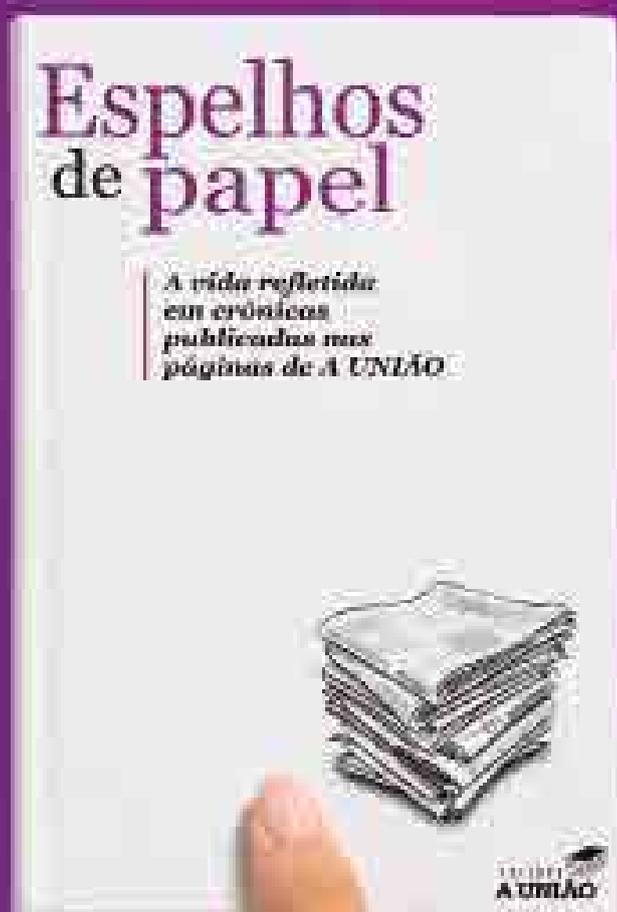
Outubro - 2021  
Ano LXXI - Nº 8  
R\$ 9,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00

## O novo voo de Marília Arnaud

No romance 'O Pássaro Secreto', a vencedora do  
Prêmio Kindle faz um convite à reflexão sem abrir  
mão do seu texto caprichosamente trabalhado



**Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.**

**R\$30,00**

**Locais de Venda:**

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)  
(99317-6944)

**A UNIÃO**



## O novo voo de Marília Arnaud

Seguia o ano de 1987 quando a jovem Marília Carneiro Arnaud pôs as mãos em seu primeiro livro, *Sentimento Marginal*. Custeado pela própria autora, a obra reunia contos e crônicas de sua lavra, publicados nos jornais impressos de João Pessoa, para onde a campinense se mudou ainda bebê.

Desde *Sentimento Marginal* - e já se vão quase 35 anos - a carreira de Marília Arnaud só cresce, alcançando os mais altos topos da literatura não só paraibana, como brasileira. A então cronista e contista arriscou outros voos, tanto na seara infantil, quanto no romance, que já lhe rendeu três obras muito elogiadas por especialistas, e hoje possui uma produção plural, versátil, digna de uma verdadeira fortuna crítica.

A edição que o leitor tem em mãos é dedicada à Marília Arnaud, que já figurou em outra capa do **Correio**

**É um feito e tanto, talvez não para Marília, acostumada a se destacar nas premiações, como será visto nas próximas páginas, através de seus textos criativos, ricos e soberbamente construídos.**

das Artes (agosto de 2016) e retorna, agora, por ocasião de *O Pássaro Secreto*, seu mais novo romance, que acaba de ser lançado na Paraíba, em sua versão impressa. A obra foi a grande vencedora da

5ª edição do Prêmio Kindle de Literatura, anunciado em fevereiro deste ano.

A paraibana Marília foi a primeira nordestina a vencer o concurso promovido pela plataforma de livros digitais da Amazon, desbancando nada menos que 2.400 inscritos de todo o país. É um feito e tanto, talvez não para Marília, acostumada a se destacar nas premiações, como será visto nas próximas páginas, através de seus textos criativos, ricos e soberbamente construídos.

Marília Arnaud, portanto, está no auge da sua força criativa e toda e qualquer celebração à sua literatura é justa e oportuna, haja visto que ela já está, de fato, consolidada como uma das gigantes que a escrita, na Paraíba, já produziu.

Boa leitura!

O editor

[editor.correiodasartes@mail.com](mailto:editor.correiodasartes@mail.com)

## índice

12

### LIVROS NA PANDEMIA

Reportagem de Alessandra Tavares procura mostrar como tem sido a produção e o lançamento de obras paraibanas durante o período de crise sanitária.



28

### REPENTE NA REDE

Durante o isolamento social, poetas repentistas precisaram se reinventar para chegar ao seu público, utilizando a internet.



34

### CONVIVÊNCIA CRÍTICA

Em sua coluna, o professor e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho analisa os múltiplos aspectos do ensaio.



38

### MÚSICA

Francisco Gil Messias analisa livro que procura refazer os passos do cantor e compositor Belchior, dez anos antes de sua morte.



OUVIDORIA:  
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

*Correio das Artes*  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA  
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo  
DIAGRAMAÇÃO  
Domingos Sávio  
Filtros do Photoshop aplicados  
sobre foto de Rodolfo Athayde

# Marília Arnaud

ALÇA SEU VÔO  
MAIS ALTO COM

# O Pássaro Secreto

**Ilze Duarte**

Especial para o *Correio das Artes*

IMAGEM: O PÁSSARO SECRETO (JOSÉ OLYMPIO/RECORD, 2021)



**E**m 2014, encontrei numa livraria de São Paulo *Suíte de Silêncios*, o primeiro romance de Marília Arnaud. Li a história vorazmente e fiquei querendo mais. Queria saborear novamente a escrita convidativa e a linguagem poética que tanto haviam me encantado. Queria também saber mais sobre a autora dessa obra delicada e habilmente construída. Continuei lendo e pesquisando. Descobri que Marília era uma excelente contista e que minha opinião era também a dos críticos e dos juízes de concursos literários: Marília havia sido premiada várias vezes por seus contos individuais e livros de contos. Numa conversa com Fábio Lucas para o projeto Conexão ViaOmar, Marília comenta que sempre gostou de concursos literários, ao que o entrevistador responde: “São os concursos literários que gostam de você.”

Os concursos literários com certeza gostam de Marília e com toda razão. Seu romance mais recente, *O Pássaro Secreto* (Editora Record, 2021), foi escolhido entre 2,400 obras como o vencedor do prestigioso Prêmio Kindle de Literatura em 2020. Nesse denso drama psicológico, a protagonista-narradora Aglaia Negromonte,

▶ ao completar quarenta anos, inicia uma examinação franca e comovente dos eventos de sua infância e adolescência e da dinâmica familiar que a moldaram. Com muito fôlego e um pulso firme, Marília alterna a narrativa entre as vozes da Aglaia-menina e da Aglaia-mulher. Embora a maior parte da narrativa seja feita pela voz da menina, os capítulos relatados pela voz da mulher revelam de forma contundente como os efeitos de seus anos de formação — e como Marília sugere, deformação — persistem na psique da Aglaia-mulher e ainda a afetam profundamente.

A família Negromonte é dominada pelo pai de Aglaia, o emocionalmente distante e auto-centrado ator e dramaturgo Heleno Negromonte. Sua mãe, a bela e inteligente Luísa, cujo trabalho como professora universitária sustenta a família finceiramente, submete-se às vontades do marido. Até mesmo na escolha dos nomes das filhas, Heleno reina supremo. Ele escolhe para suas filhas os nomes de duas das três graças gregas: Aglaia e Eufrosine. Luísa protesta não só porque não compartilha do amor do marido à cultura grega como também porque receia não ter uma terceira filha — que receberia o nome da graça Thalia — para completar o trio. Mas essa batalha, como muitas outras, Luísa acaba perdendo.

A vida de Heleno gira em torno da literatura e do teatro e é nesses interesses que ele foca sua atenção e sua energia. Tudo mais é relegado a um segundo plano, inclusive sua família. Aglaia sente-se ignorada por ele e pela mãe, que embora seja mais dedicada à família, não consegue entender nem ajudar a filha. Uma menina extremamente inteligente e sensível, Aglaia vivencia o início da puberdade com apreensão e desconforto. Com seu corpo rechonchudo e seu intelecto precoce, não se enturma com os outros alunos da escola, que ela despreza e por quem é desprezada. E seu ambiente familiar, em vez de acolhê-la e fortalecê-la, acaba por corroer sua auto-estima ainda mais. Em seu frágil estado emocional, Aglaia encontra-se perigosamente susceptível à ansiedade e

aos distúrbios alimentares.

A angústia de Aglaia toma a forma de uma entidade que ela sente em seu corpo e sua alma e que ela denomina “a Coisa.” Sua manifestação mais frequente é a de uma criatura alada, um pássaro secreto, pois a gama de emoções — conflitantes, angustiantes, assustadoras — que sente permanecem dentro dela, sem possibilidade de expressão. Em retrospecto, Aglaia descreve assim a criatura:

*É provável que nesse tempo a Coisa já engatinhasse dentro de mim. Lembro-me de alguns episódios, mas não sei precisar quando começaram. Às vezes, sentia a dureza das suas asas espetando-me as costelas, o peso da sua cabeça pontuda esmagando-me os pulmões, e eu puxava o ar, e uns pios*

*agudos me esfolavam o peito, e eu me debatia como um peixe fora d’água, e me debateria até a morte se não aparecesse alguém para me salvar.*

O conflito principal da história ocorre quando, aos treze anos, Aglaia vê-se obrigada a dividir a atenção e afeição de seus pais com uma meia-irmã, cuja existência ela até então desconhecia. O nome da menina é — e como poderia deixar de ser? — Thalie. Nascida de um caso entre Heleno e uma atriz francesa, Thalie havia perdido a mãe e a avó. Sozinha no mundo, é enviada aos Negromonte para viver com eles. Bonita, inteligente e bondosa, Thalie encanta a todos na família, inclusive Luísa. Aglaia sente-se traída por todos, que recebem o novo membro da família ▶



FOTO: RODOLFO ATHAYDE/Divulgação

*Marília Arnaud, a autora de ‘O Passaro Secreto’: obra não proporciona uma solução fácil aos problemas examinados, mas um convite à reflexão, à compreensão e à empatia*

▶ com um desvelo que Aglaia nunca sentira deles, com exceção de sua amada avó Sarita. Até Demian, o rapaz por quem Aglaia nutre uma paixão secreta, sucumbe ao charme de Thalie.

Dominada pelo ciúme e pelo desejo de vingança, Aglaia toma atitudes cada vez mais repreensíveis e agressivas. Impotentes diante do comportamento perturbador de Aglaia, Heleno e Luísa levam a filha a vários psicoterapeutas e até a internam (abandonam?) numa clínica psiquiátrica. Os psicotrópicos a entorpecem, mas não eliminam a ansiedade e a imensa tristeza que ela sente. Nem o afeto da avó nem os esforços dos terapeutas conseguem demover Aglaia de sua determinação em destruir o que lhe causa dor e, em consequência, destruir-se a si mesma. Aglaia encontra-se irremediavelmente presa num círculo vicioso de ira, vingança e culpa.

Com descrições vívidas e evocativas, Marília revela a personalidade compulsiva de Aglaia, um presságio da obsessão que ela virá a desenvolver mais tarde. Os apetites de Aglaia são vorazes: ela consome grandes quantidades de comida, música e literatura. A trilha sonora de sua juventude—Djavan, Renato Russo, Marisa Monte, entre muitos outros—é extensa e onipresente, como é a de muitos adolescentes. No caso de Aglaia, porém, essa trilha sonora é complementada por um repertório de obras teatrais de uma intensidade e um peso pouco apropriados à sua idade. Aos treze anos, ela já havia lido ou presenciado seu pai recitar as maiores tragédias Shakesperianas. Se por um lado a literatura enriquece a vida intelectual de Aglaia, por outro ela exacerba sua tristeza e desespero. Aglaia identifica-se, parece-me em excesso, com os personagens dessas tragédias:

*Bem que eu e o meu pai poderíamos ser personagens de Shakespeare. Como um pai pode transformar a vida de uma filha numa tragédia? Não preciso ir longe. Não preciso chegar até o rei Lear e Cordélia. A Bretanha era bem ali em nossa casa e, um dia, quem sabe, o meu pai arrancaria os próprios olhos por haver desprezado a filha que verdadeiramente o amava.*

O relacionamento de Aglaia com seu pai é, de fato, particularmente complexo. Ela o admira imensamente, mas despreza o que considera hipócrita e injusto em seu comportamento como esposo e pai. Aglaia ressent-se também do comportamento da mãe, uma mulher desenvolta e capaz, cuja submissão aos caprichos e ausência do marido a deixam perplexa e enraivecida.

Marília Arnaud retrata essa estrutura familiar patriarcal com sensibilidade e profundidade. A supremacia de Heleno Negromonte exemplifica um sistema obsoleto e perverso, que no entanto continua a florescer no solo fértil dos complexos relacionamentos familiares, onde o oprimido se submete a menos do que merece para preservar o pouco que tem, custe o que custar. E o custo é alto. Marília não poupa as mulheres nesses relacionamentos: descreve-as em todas as suas contradições. Até Sarita, sábia e conscienciosa, justifica o comportamento do filho. Aglaia repudia a posição da avó, que continua a defender Heleno:

*Minha avó Sarita contava-me fatos da adolescência e da infância do filho, na tentativa de me convencer de que ele era o que sempre fora, o que sua natureza determinava, tanto quanto tinha olhos azuis, pele clara e cabelos castanhos. Ah! Então estaria nos genes do meu pai a certeza de que o mundo só existia porque ele existia? Vovó entortava a boca, um trejeito de reprovação, e afirmava que muitas meninas gostariam de ter como pai Heleno Negromonte, um homem culto, espirituoso, carismático, além de respeitado profissionalmente.*

Os temas abordados em *O Pássaro Secreto*—os males do patriarcado, as falhas dos tratamentos de distúrbios emocionais nos anos 80 e 90, os impactos do abandono emocional entre os mais carentes de afeto—são complexos e penosos, mas Marília Arnaud os desenvolve

com maestria e o resultado é uma leitura altamente gratificante. O enredo se desencadeia de maneira fluida, num ritmo estimulante e envolvente, surpreendente em certos trechos mas sempre coerente à lógica interna da narrativa. O mundo interior dos personagens é descrito com tal riqueza de detalhes que nos transportamos para a realidade de cada um, principalmente a de nossa protagonista. Vivenciamos o que ela vivencia, sentimos o que ela sente, torcemos para que ela supere suas dificuldades e agonias, página por página, capítulo por capítulo. E percorremos essa jornada guiados e enlevados pela linguagem precisa, requintada e lírica de Marília, exemplificada aqui:

*Quis matar e enterrar, bem enterrado, aquele sentimento, mas as patas raivosas de algo que se alargava dentro de mim chutaram-no de um lado para o outro, como se a dificuldade do meu pai, em mim feita mágoa, fosse um feroz predador. O sentimento engalfinhou-se com algo crescente dentro de mim, uma refrega de garras e presas afiadas, sem que me chegassem forças para apartá-los.*

*O Pássaro Secreto* não proporciona um final feliz ou uma solução fácil aos problemas examinados. Proporciona, sim, um convite à reflexão, à compreensão e à empatia, recompensas muito mais duradouras e valiosas ao leitor atento. ✦

---

**Ilze Duarte** é formada em Letras pela Universidade de São Paulo, onde também completou o curso de pós-graduação em Tradução Inglês-Português. Suas traduções de dois contos de Marília Arnaud—*Senhorita Bruna* e *Cristal Partido*—foram publicadas recentemente em revistas literárias dos Estados Unidos. Natural de São Paulo, Ilze mora na Califórnia.

# Aglaiia, impenetrável Solidão\*

**Ângela Bezerra de Castro**  
Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Ângela Bezerra e Marília Arnaud  
na noite de lançamento de  
'O Pássaro Secreto', dia 29 de outubro

**A** Paraíba, que tem uma considerável tradição literária, quando se trata de ficção narrativa, ganha novo destaque nacional através da romancista Marília Arnaud. Escritora que fez do conto sua expressão inicial, já tem história, na conquista de prêmios. Duas de suas coletâneas, *A Menina de Cipango* e *Os Campos Noturnos do Coração*, receberam, respectivamente, o Prêmio José Vieira de Melo, da Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba, e o Prêmio Novos Autores, da UFPB.

Ao estreiar no romance, com *Suíte de Silêncios*, Marília já trazia a marca do estilo, traço inconfundível de sua identidade narrativa. Quero repetir e reiterar, agora, o entusiasmo de minha saudação a seu primeiro romance:

*"Texto para ser lido como um poema, tal o nível de elaboração e densidade da linguagem, no desenvolvimento do tema do amor habilmente reinventado pelo enfoque original. Amor que não conheceu momentos pequenos, nem gestos de indiferença, tampouco palavras banais ou mesquinhas".*

Despertando silêncios abismais com a música das palavras, a romancista recupera para o grande amor sua verdade essencial, que transcende as convenções e aparências para encontrar, na inteireza e na densidade de ser, a sua eternidade.

Um romance ousado e verdadeiro, que veio para ficar na história.

Em 2016, Marília encanta novamente seus leitores com *Liturgia do Fim*. Um romance de suprema dor, a vida transfigurada num afogar-se, num morrer interminável. A palavra, em absoluto poder de criação, a palavra exata em cada filigrana que desvela e reconstitui a existência de Inácio, devastada pelo ressentimento, pela culpa e pela solidão.

O tempo do romance corresponde à volta de Inácio que, desterrado, sentira-se por todos os anos "em lugar nenhum". Esse retorno patético de um "estrangeiro", que deixa o vazio em busca de Perdição, constitui o eixo condutor da narrativa.

Na partida para a obscura viagem é que o leitor vai encontrar o protagonista narrador, seguindo sem saber por qual razão, expurgando a



Os três romances  
escritos por Marília  
até agora e lançados,  
respectivamente, em  
2012, 2016 e 2021

\* Texto de apresentação, lido pela própria autora durante o lançamento da obra 'O Pássaro Secreto', na Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa, na noite de 29 de outubro de 2021.

cruz das palavras “desde sempre repressadas” e, há mais de três décadas, “amoladas na pedra da memória”.

Palavras-lâminas que, do tempo estilhaçado, vão recortando os silêncios, escavando as lacunas, revolvendo os mistérios, exumando os segredos, retalhando a dor. Um modo de narrar que qualifica e consagra a romancista. Ela escolhe Inácio na situação-limite que se equipara à última estação de uma “via crucis”, para tingir as palavras com todos os tons e matizes da agonia.

Quando Marília terminou *O Pássaro Secreto*, seu terceiro romance, e me segredou a intenção de concorrer à 5ª edição do Prêmio Kindle, 2021, eu lhe respondi que, se o julgamento fosse sério, ela teria condição de vencer. E fiz questão de justificar essa previsão, lembrando-lhe as qualidades raras que se acumulam, em sua experiência criadora.

As revências que alimentam seu imaginário; o poder de conduzir seus temas e personagens, tecendo a verdade ficcional com sutileza e ousadia; além disso, a capacidade poética de lidar com a palavra, impregnando sua construção romanesca de um lirismo pungente e libertário.

Marília concorreu com 2.400 candidatos inscritos. E *O Pássaro Secreto*, julgado por jornalistas, escritores e editores de indiscutível competência, trouxe para o Nordeste, numa conquista pioneira, o Prêmio Kindle de Literatura. Nossa romancista enche de orgulho a Paraíba e o Brasil.

*O Pássaro Secreto* é um romance de dor e dilaceramento. O conflito central se estrutura a partir de traços de personalidade da jovem protagonista, incapaz de suportar o acúmulo de perdas impostas pela vida. Depois de alguns desatinos, resta-lhe uma sobrevivência de solidão, sem nenhuma esperança.

Os recursos de expressão, tecidos pela precisão da linguagem pela inventividade do processo narrativo, sedimentam a unidade inseparável entre forma e conteúdo, que prendem e encantam o leitor.

Aglaia é a narradora de sua história de amor e desatino. Amor “azul-escuro, quase preto, o amor feroz”, conforme verbaliza em síntese conclusiva.

Revela-se a grande competência da romancista nessa escolha de dar voz a uma subjetividade desafiadora, extremamente complexa, que nem os psiquiatras fizeram aflorar em longos anos de consultório e indagações. O

perfil dessa protagonista-narradora reforça um traço do romance de Marília que já se pode considerar característico. De fugir ao convencional e ao estabelecido para desvelar e reconfigurar expressões subjetivas silenciadas, ou até banidas, pelo preconceito estratificado e dominante, no jogo de aparência das relações sociais.

Foi assim com Duína, em sua carta-testamento. Com Ignácio, que se consome bem mais pela culpa de ter abandonado Ifigênia e, não, de ter amado. E, agora, com Aglaia, que os irmãos e Dermian classificaram-na de anormal, aprendiz de marginal e monstro. Rótulos traduzidos e sintetizados por Dr. Xisto, no internato da clínica, através da impactante expressão, “perturbações psicossomáticas”. Duas palavras que, elucidadas, levaram a personagem a exclamar: “Ó Deus! A loucura era um espelho rachado, a identidade trincada em mil eus que não faziam sentido”.

Aglaia, inteligente, perspicaz, culta, sensível, capaz de enxergar com olhar crítico as reações a seu respeito, incluindo os procedimentos médicos; e, com suficiente lucidez, para refletir sobre a tragédia da própria existência. “A vida me empurrou para a escuridão ou eu nasci com a escuridão dentro de mim?”

Essa é a “persona” a quem Marília, concedendo voz, propicia a catarse, que expurga a culpa, e conduz à redenção, inscrita nas palavras finais do romance. “Ainda estou aqui. Sou uma Fênix. Ardi no fogo e ressurgi na pureza das minhas próprias cinzas”.

Aglaia se universaliza como representação metafórica da condição humana, no enfrentamento da suprema dor de existir em impenetrável solidão. Chama a atenção do leitor, a forma como se apresentam os capítulos do romance, à primeira vista, diferenciados pela característica dos tipos gráficos em que estão impressos.

Os ímpares se destacam, no itálico, e fazem pensar em anotações de um diário íntimo que se integrassem à narrativa. Neles, o tom é de monólogo interior, de fluxo da consciência. Uma forma de narrar que se impõe pela natureza do conteúdo e, nessa escolha, a romancista exerce toda sua habilidade criadora.

O espaço desses capítulos é o hospital, para onde Aglaia foi socorrida, depois de violentada pelo “garoto de olhos de fogo”. Aglaia, “uma ferida aberta”.

Metáfora retomada e ampliada no fecho do capítulo 13, como reflexão consciente da protagonista. “Feridas abertas não falam. Feridas abertas sagram”.

Estabelecendo as conexões, o leitor é levado a perceber que este sangrar escorre, lentamente, na sensação de morte que traz, para Aglaia, o mundo dissolvido em borrões; no pesadelo que a faz despertar e estremecer, ante a realidade das recentes lembranças; na escuridão em que desaba a personagem, açoitada pela dor e pelo frio; na silenciosa resposta das lágrimas; no desengano das conclusões sobre o amor; na mágoa, sem remédio, de recordar “a vida que ficou para trás”.

Um modo de narrar que transcende a técnica ou o processo narrativo e se converte em sentido. A linguagem romanesca, incluindo recursos poéticos de elaboração. O romance de Marília é assim, instigante. Em cada aspecto observado, um desafio de leitura. Por isso, termino essa apresentação com uma proposta.

Como seria, traduzir a simbologia dessa Coisa inventada por Marília? Coisa-Pássaro que deu título a seu romance premiado. Elemento fantástico da narrativa, com o qual ela reconstitui a sensação de morte que toma conta de Aglaia, após o estupro. Cena antológica que passarei a ler, com orgulho e encantamento:

*“ (...) Estremeci a um abanar de asas. Ergui a cabeça e, bem diante de mim, a Coisa soprava sobre o meu coração. Abaixou-se, e eu montei o seu dorso trêmulo, agarrando-me à cabeça de pelugem macia, que cheirava a terra e a sangue. De cima, contemplei a planície, a massa verde de árvore e arbustos, a fita castanha e ziguezagueante do rio que passava à janela do quarto que um dia fora meu, a clareira onde meu corpo permanecia estendido, o corpo do qual eu acabava de me separar. ✦*

**Ângela Bezerra de Castro** é professora e escritora, nascida na cidade de Bananeiras (PB). Formada em Ciências Jurídicas e Sociais (1966) e em Letras Vernáculas (1970), ambas pela Universidade Federal da Paraíba, em 1970. É autora 'Releitura de A Bagaceira: Uma Aprendizagem de Desaprender' (1987) e José Lins do Rego - Fortuna Crítica (1990), entre outras obras. Premiada, a escritora integra a Academia Paraibana de Letras, da qual foi presidente, a primeira mulher a alcançar o posto na história da instituição.

# Carreira premiada e elogiada



Foi neste sobrado, onde um dia funcionou um mosteiro, na França, que Marília Arnaud escreveu parte de 'O Pássaro Secreto', entre maio e junho em 2017



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

**André Cananéa**

Editor do *Correio das Artes*

**O** início da carreira literária de Marília Arnaud, paraibana de Campina Grande, mas radicada em João Pessoa desde a mais terna infância, remete aos anos 1980, quando ela publicava contos e crônicas na imprensa local (textos que acabaram reunidos em seu primeiro livro, *Sentimento Marginal*, de 1987, bancado pela própria autora).

Um ano antes, ela chegou a ter dois poemas, 'Canção para um amigo do mar' e 'Maria', publicadas na antologia *Poetas Brasileiros de Hoje*, lançado pela editora carioca Shogun.

Mas foi nos anos 1990 que a estrela de Marília Arnaud brilhou para valer, quando ela passou a ser saudada pela crítica especializada como uma grande promessa na literatura e abocanhar os primeiros prêmios na área que lhe permitiram, por exemplo, ver impressos dois dos seus quatro livros de contos, *A Menina de Cipango* (Prêmio José Vieira de Melo, Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba) e *Os Campos Noturnos do Coração* (Prêmio Novos Autores, UFPB).

Há, nos arquivos de A União, um farto material sobre a consagração da escritora no concurso que a Secretaria de Educação e Cultura do Estado realizou em 1993, feito que se repetiria em 1997, em

concurso realizado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No primeiro certame, Marília foi a grande vencedora na categoria Conto com o citado *A Menina de Cipango*, que ganhou vida através da Editora A União.

O prêmio levou o professor e literato Carlos Romero (1924- 2019) a elogiá-la em sua coluna sobre literatura no diário impresso em sua coluna dominical de 20 de março de 1994: "Contista de muito talento e criatividade, Marília é, indiscutivelmente, um dos valores da nova geração de escritores paraibanos".

Ascendido Leite (1915-2010), outro notável das letras paraibanas, também não poupou loas



Em frente a uma máquina de escrever, Marília Arnaud compõe contos e crônicas para os jornais dos anos 1980

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



Marília foi capa do 'Correio das Artes' de agosto de 2012

à jovem escritora. Também em sua coluna no jornal A União, o escritor Ascendino Leite registrou o dia em que conheceu Marília: 18 de abril de 1997. "Conheci Marília depois, naturalmente, que a percebi em livros pequenos, textos literários e nas invenções que, ao seu nome, me acudiram à mente sonhadora".

Já *Os Campos Noturnos do Coração* ganhou um prefácio de luxo, assinado por ninguém menos que a imortal Raquel de Queiroz, republicado na edição de 9 de outubro de 1997 do jornal A União. Nele, a autora de *O Quinze* e *Memorial de Maria Moura* não poupa elogios à paraibana: "Essa moça, Marília Arnaud, recebeu de nascença o dom de escrever. Tão espontâneo,

que até mesmo quando apresenta uma frase mais rebuscada, o rebuscado lhe sai natural, o lugar dele era ali mesmo; ela desenha figuras, passagens e instantes do tempo, como um profissional. E não perde nunca um instante poético, trabalha sobre ele, recria a realidade com a facilidade de quem apanha uma flor".

Mais a frente, a autora cearense crava: "Marília Arnaud, portanto, não precisa de prefácios. Mas, leitora de primeira mão do seu pequeno livro, testemunha do seu talento, tenho o maior prazer em apresentar essa escritora nova. Pensando bem, é até um ato arriscado da minha parte, pois vejo que estou abrindo a porta a uma concorrente. E forte!"

## › 'LITURGIA DO FIM'

Em 2003, Marília chegou a ganhar o Prêmio Correio das Artes de Literatura na categoria Contista e, em 2016, a figurar como matéria de capa da publicação, desta feita, a partir do lançamento do elogiadíssimo *Liturgia do Fim*, segundo romance da autora, sucessor da estreia *Suíte de Silêncios*, lançado em 2012.

O editorial da edição de agosto daquele ano pontuava: "Marília restaura, com tintas líricas, telúricas, um quadro universal, bíblico, o conflito entre pai e filho, gerado pelo desamor e preconceito de essência religiosa. A desordem psicológica e a contenda odiosa, o litígio familiar, serão ressaltados, no plano da linguagem, pela antítese, tendo como contraponto que a confirma, a natureza exuberante que transforma as personagens em anjos decaídos de um paraíso terrestre".

Ainda na mesma edição, o jornalista William Costa e a professora Vitória Lima imprimem suas anotações sobre o romance. William escreveu: "As palavras, expressões e intertextualidades não são gratuitas no



'Liturgia do Fim' é o segundo romance da escritora paraibana

romance de Marília, pois foram garimpadas nos territórios da vivência pessoal, na memória afetiva prodigiosa e no consistente acervo de leituras da autora. Palavras de uso cada vez mais raro estão a serviço de uma frase caprichosamente trabalhada para dar ritmo e sonoridade (música e poesia) à

narração, além de gerar sentidos - claros, dúbios, implícitos -, notadamente pelo uso inteligente da antítese, no plano geral da obra".

O texto de Vitória Lima foi profético: "Vaticínio, sem medo de errar, que *Liturgia do Fim* figurará, um dia, dentre os clássicos da literatura de língua portuguesa, ao lado de José Lins do Rego, (conforme apontou Ângela Bezerra de Castro na noite do lançamento), Raduan Nassar, de *Lavoura Arcaica* (afinidade identificado por outra grande romancista, Maria Valéria Rezende)".

Mais à frente, a poeta e professora avalia: "A linguagem é elegante fluida, que torna a leitura um deleite que se derrama por quase 150 páginas. É um livro fino, enganosamente de fácil leitura, mas não é. O leitor tem de parar para respirar, tomando fôlego várias vezes, antes de chegar ao fim".

Ou seja, não é de hoje com Marília Arnaud imprime, na leitura paraibana, obras de textos zelosos, inspirados e de fôlego, que a colocam entre os principais nomes de hoje nas letras paraibanas, assegurando um lugar de prestígio na historiografia da literatura paraibana. ▶

## ▶ PARTE DO NOVO LIVRO FOI ESCRITO NA FRANÇA

Marília Arnaud chegou a *O Pássaro Secreto* através do Prêmio Kindle de Literatura. Levou R\$ 40 mil, entre o prêmio, propriamente dito, e o adiantamento de um contrato de publicação com o Grupo Record, do qual o selo José Olympio, estampado na capa da sua obra, faz parte.

A versão digital de *O Pássaro Secreto* foi disponibilizada na plataforma Kindle em setembro de 2020. Um ano depois, em 29 de outubro, a obra teve o lançamento oficial, em papel, na Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa. A obra também ganhou uma edição especial e exclusiva para o clube de assinatura de livros TAG Experiências Literárias.

Em seu novo romance - o terceiro da carreira da autora - Marília explora aspectos psicológicos através de Aglaia, uma adolescente de 13 anos, sensível e solitária, fã das tragédias de Shakespeare, dos poemas de Cecília Meireles e das canções de Renato Russo que vive em uma família disfuncional. Até que a chegada de uma meia-irmã afetará toda a família, incluindo ela própria.

A história começou a ser desenhada em 2016, quando a paraibana submeteu a ideia a um intercâmbio literário no interior da França. Lá, entre maio e junho de 2017, confortavelmente instalada em um belo sobrado no campo - que já havia sido um mosteiro - ela escreveu parte do livro, que surgiu como um livro voltado ao público adolescente, mas descambou em uma obra adulta, quando a autora o concluiu, em meados de 2019.

*O Pássaro Secreto* foi precedido pelos elogiados *Suíte de Silêncios* (Rocco) e *Liturgia do Fim* (Tordesilhas). Ela tem, ainda, outros quatro livros de contos: *Sentimento Marginal*; *A Menina de Cipango*; *Os Campos Noturnos do Coração* e *O Livro dos Afetos* (que saiu pela 7Letras), além do infantil *Salomão*, o *Elefante* (Off Flip). ❖



Capa da versão Kindle para o novo romance de Marília Arnaud, lançada em 2020

## DEPOIMENTOS

**W.J. Solha,**  
*escritor, produtor e ator.*

Creio que li todos os livros anteriores de Marília Arnaud – resenei vários - e devorei o último, *O Pássaro Secreto*. Poderia limitar meu comentário a isto: densidade quase insuportável. Mas a escritora me disse, por e-mail, que estive no Centro de Artes de Marnay sur Seine, na França, “onde escrevi 1/3 do romance. Fiz uma residência literária lá”. Isso faz pensar: talvez aí esteja a razão da visível mudança de sua linha, de seu enfoque.

Até agora, Marília Arnaud me lembrava “filmes de James Ivory e Lucchino Visconti, música de Scriabin”. Agora há uma presença pesada do Dostoiévsky amado por Freud, embora o autor repetidamente citado no livro seja William Shakespeare, amado pela protagonista e por seu pai – ator shakespeariano. A própria Aglaia Negromonte – embora isso não seja mencionado – poderia tomar para si um trecho do monólogo com que Ricardo III abre sua tragédia:

- “Mas eu, que não fui moldado para jogos nem brincos amorosos, nem feito para cortejar um espelho enamorado(...) estou decidido a ser ruim vilão e odiar os prazeres vazios destes dias.”

Uma constante permanece: a narradora Aglaia Negromonte, a romancista Marília Arnaud... não tem pressa. Esmiúça... detalhe por detalhe, a evolução trágica da fúria que a move. Sartre disse “L'enfer, c'est les autres” (O inferno são os outros). Ela, não:

- EU era o inferno.

Fica isto como trailer... desse grande thriller.

**Antônio Mariano,**  
*escritor e poeta*

Marília Arnaud, em *O Pássaro Secreto*, mais uma vez, se supera na arte da narrativa. Não à toa, este romance tem potencializado uma legião de admiradores, entre os quais me incluo, seduzidos pela arte da escrita desta paraibana que se afirma, com justiça, entre os nomes representativos da boa literatura em língua portuguesa da atualidade. Escrita apurada, personagens cujos desenhos lhes dão pulso e respiração. Múltiplas referências culturais,

resultado um sólido repertório e pesquisas de fôlego. Aqui, especialmente, numa urdidura de múltiplas pistas, Marília joga iscas e fisga o leitor, a cada página, sem entregar em momento algum o desfecho surpreendente. Daí tantos depoimentos entusiasmados merecidos que continuamente acompanhamos oriundos de público e crítica especializada. Marília Arnaud dá, assim, continuidade a uma trajetória literária que nos enche de orgulho e promete mais, muito mais.

**João Anzanello Carrascoza,**  
*escritor e professor da USP, autor da 'Trilogia do adeus'*

A protagonista tangibiliza questões psíquicas profundas que, no entanto, estão na ordem da vida contemporânea. Um feito valioso nesta era de materialidades e ubiquidade midiática, que alija o indivíduo de sua razão íntima. A primorosa construção da protagonista da trama e o registro narrativo seguro e lírico – raro nas histórias longas, materializadas pelo diapasão épico -, a progressão dos acontecimentos no tempo justo, a tessitura bem engendrada do enredo (que, assim, contempla a complexidade humana) e a suspensão do previsível contribuíram para a alta voltagem ficcional que *O pássaro secreto* consubstancia como seus diferenciais mais expressivos.

**Tiago Germano,**  
*escritor indicado ao Prêmio Jabuti*

Aglaia junta-se a Duína (*Suíte de Silêncios*) no rol de personagens de nomes fantásticos e biografias maravilhosas de Marília Arnaud, escritora cujo lirismo em prosa já foi tão bem sinalizado por leitores melhores do que eu. O que me chama atenção, porém, num percurso marcado também pelos contos (alguns cruéis, para lembrar uma das antologias nas quais ela figura), é como Arnaud consegue unir concisão e fluência, brutalidade e delicadeza, em sua prosa, perpassando temas tão delicados quanto o transtorno de imagem da protagonista deste *O Pássaro Secreto*. Tem sido empolgante acompanhar desde o início sua carreira que, com o Prêmio Kindle e as já múltiplas edições deste romance, chega a um merecido ponto de inflexão.

**André Cananéa** é jornalista formado pela Universidade Federal da Paraíba. Tem 25 anos de carreira no jornalismo paraibano, boa parte deles dedicado à editoria de Cultura. Desde 2019 edita o *Correio das Artes* e a partir de fevereiro de 2020 passou a responder, também, pela editoria geral do *Jornal A União*. Mora em João Pessoa (PB).

# Lançamentos na pandemia

AUTORES PARAIBANOS SE REINVENTAM PARA NÃO DEIXAR DE LANÇAR OBRAS DURANTE O PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL

**Alexsandra Tavares**

*lekajp@hotmail.com*



IMAGENS: PIXABAY

**E**nquanto a pandemia se espalhava pelo planeta durante esse mais de um ano e meio, muitos escritores paraibanos aproveitaram o tempo recluso para concluir, ou iniciar, obras em diversos gêneros. Uma prova disso são os 12 títulos expostos na seção de livros de autores paraibanos que existe na Livraria do Luiz, centro de João Pessoa. Considerado um tradicional ponto ▶



▶ de encontro semanal dos literários na capital, o estabelecimento de Ricardo Pinheiro foi um dos locais onde as publicações novas ou relançadas ficaram expostas ao leitor, sendo apresentadas ao público por meio de projetos executados via internet.

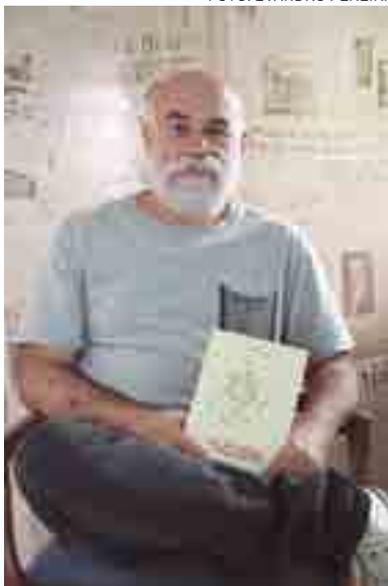
O local ficou fechado ao longo do isolamento social, quando os lançamentos presenciais estavam proibidos. Mas a equipe da livraria abria extraordinariamente para grupos de escritores a fim de executar a campanha “Livro Live”, transmitido pelo Instagram.

A finalidade era lançar as obras dos autores paraibanos nas plataformas digitais. Um grupo de autores marcava a data, levava suas obras para o estabelecimento e, num breve bate-papo, transmitia as novidades literárias para os internautas.

Depois, o leitor poderia telefonar, acessar a rede social ou a página do estabelecimento ([livrariado-luiz.fez.com.br](http://livrariado-luiz.fez.com.br)) para obter algum título, e os funcionários da própria livraria, dentro de outro projeto, o “Dê um livro a quem você quer bem”, se encarregavam de fazer a entrega. “Como as pessoas não podiam se abraçar, estar perto, essa foi a forma que encontramos para aproximá-las e aquecer as vendas”, explicou Ricardo Pinheiro.

Um dos escritores que lançou livro nesse modelo foi Juca Pontes. Ele, que também é editor e jornalista, contou que começou a escrever

FOTO: EVANDRO PEREIRA



*Juca Pontes e 'As Flores do Meu Jardim', que lançou pela internet através da iniciativa 'Livro live': 'Essa foi uma maneira de não deixarmos a coisa morrer'*

a obra *As Flores do Meu Jardim*, cuja ilustração é da arquiteta Jô Cortez, há cerca de cinco anos, mas a conclusão só veio no final de 2020. A obra fala sobre a infância, os filhos e netos do autor, que tirou uma importante lição dessa fase de isolamento. “Uma coisa que a pandemia ensinou foi que ninguém pode viver sozinho. As pessoas precisam conviver umas com as outras. O ser humano necessita de carinho, de atenção e ter alguma atividade. Ficar trancado é algo quase que insuportável”, destacou Pontes.

E foi nesse período de quarentena que, além de concluir a publicação, Juca também decidiu apresentá-la ao público via internet. “Foi nesse formato on-line que as pessoas ficaram conhecendo várias obras. Essa foi uma maneira de não deixarmos a coisa morrer”, salientou. Ele, que está à frente da Forma Editora, também lançou alguns projetos pelas plataformas digitais e também foi parceiro do projeto “Livro live”.



## ▶ FLEXIBILIZAÇÃO POSSIBILITA RETORNO DE EVENTOS PRESENCIAIS

Apesar de o lançamento de livros físicos nas plataformas digitais ter reacendido o acesso às publicações, para alguns literatos, esse modelo não tem a força de consumo se comparado à forma tradicional de lançar um título, ou seja, a presencial. Segundo o escritor e editor Juca Pontes, quando o lançamento é feito com o leitor por perto, a receptividade é maior.

“Quando é presencial, as pessoas saem do local já com o livro autografado na mão. É outra coisa”, frisou, dizendo que o consumo atingido com a apresentação da obra no formato digital chega a cerca de 50% do modelo tradicional.

Com o retorno gradual dos eventos na Paraíba, Juca explicou que já há autores realizando e agendando lançamentos presenciais. Um dos exemplos é a nova edição do livro *Parahyba 1930 – A Verdade Omitida*, de Flávio Eduardo Maroja Ribeiro (Fuba), lançado na Fundação Casa de José Américo, no início de outubro.

O próprio Juca Pontes confessou que planeja lançar, em 2022, uma edição ampliada da coletânea *Carro de Boi*, em comemoração aos 40 anos de existência do projeto, completados este ano. As comemorações devem ocorrer de forma presencial.

Segundo ele, *As Flores do Meu Jardim* também deve ser relançado este ano com a participação do público *in loco*. “As coisas estão voltando, por isso pretendemos fazer essa retomada, mas e forma segura”, ponderou.

O Pôr do Sol Literário, que costumava ocorrer nos fins de tarde na Academia Paraibana de Letras (APL), na capital, também ficou suspenso nestes últimos 18 meses, mas, segundo Juca, está sendo retomado. O encontro, semanal, reúne literatos para ouvir música, assistir performance e falar sobre livros.



FOTO: MARCOS RUSSO

### ESTRATÉGIA INCREMENTA CONSUMO

O proprietário da Livraria do Luiz, Ricardo Pinheiro (foto), declarou que percebeu uma retração na produção literária na Paraíba durante a pandemia. As obras que chegaram ao estabelecimento foi em menor quantidade do que o volume registrado em anos anteriores. Já com relação à aquisição de livros, o empresário conseguiu aquecer as vendas no ano passado adotando algumas estratégias.

Com os projetos do “Livro Live” e “Dê um livro a quem você quer bem”, Ricardo conseguiu incrementar a receita em até 70% no segundo semestre de 2020, comparado ao

primeiro. “A alta significativa foi com relação a livros paraibanos e também nacionais”, afirmou. Segundo ele, os livros mais procurados foram os de ficção, que adotam temas de filmes, voltados ao público adolescente.

A agenda para lançamentos presenciais na livraria está sendo fechada para este final de ano e início do próximo. O Encontro dos Autores Paraibanos, reunião que tradicionalmente ocorria nas manhãs de sábado no estabelecimento, e que está suspenso desde o ano passado, deverá retornar neste mês de novembro.

“

**Em três meses,  
consegui  
vender todos os  
exemplares do  
que seria uma  
primeira edição**

Marineuma Cavalcanti



FOTO: DIVULGAÇÃO

“Creio que a visibilidade que a internet nos faz alcançar termina impulsionando mais do que se fosse um lançamento presencial. Em três meses, consegui vender todos os exemplares do que seria uma primeira edição”, afirmou a escritora e professora Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti, sobre o seu mais recente trabalho, *Entre Parênteses: Poemas*.

Com o isolamento social e a angústia de não saber ao certo o ▶

► que estava acontecendo no mundo devido à disseminação da covid-19, a escritora começou a ter insônia. Então, tratou logo de ocupar a mente, escrevendo poemas e mais poemas, madrugada adentro. Quando se deu conta, os escritos, juntamente com outro material que já tinha produzido, resultou na obra, cujo projeto gráfico ficou sob a responsabilidade da designer gráfica Minna Miná. “Entendo que o livro não é só um conjunto de poemas meus, mas a junção das palavras com a arte visual desenvolvida por ela”, salientou Maineuuma.

Elaborado com recursos próprios, o livro foi lançado várias vezes de forma virtual. Foi apresentado primeiro numa *live*, em maio deste ano, no Instagram da autora (@marineumaoliveira). Em junho, ocorreu o lançamento oficial pelo canal da escritora no Youtube (@marineumaoliveira), com uma mesa-redonda composta pelos poetas Sérgio de Castro Pinto, Expedito Ferraz e Lau Siqueira. “Eu me senti muito bem acolhida por eles, que são por demais generosos”, destacou.

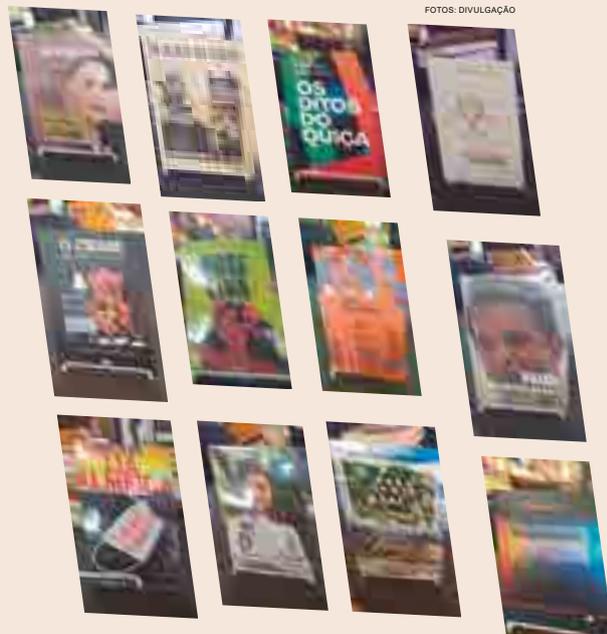
Como entrevistada, ela ainda participou de várias *lives* para falar do livro. Uma delas, ocorrida em julho pelo Youtube, foi promovida pelo Centro de Educação da UFPB, onde Marineuma trabalha como professora. “Também participei do programa *Banquete litero-cultural*, promovido pela Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba”, completou.

Segundo ela, o livro foi muito bem recebido pela crítica e no meio acadêmico, ao qual participa, mas para alcançar visibilidade no universo on-line, a obra teve a participação total da autora, que conduziu de perto desde o trabalho de divulgação nas redes sociais, até as vendas e a entrega dos livros. “Agora, imprimir mais outra edição e estou planejando novas ações para continuar com a divulgação e as vendas”.

*Entre Parênteses* é um dos livros que está na seção de autores paraibanos na Livraria do Luiz, bem como na Livros & Companhia, em Cajazeiras, e nas livrarias Leitura, do Manaira Shopping e do Shopping Mangabeira. Ainda há planos de levá-lo para a Leitura, em Campina Grande, e deixá-lo exposto na versão digital, na Amazon.

Depois do lançamento oficial, em junho (no Youtube), a escritora revelou que foi convidada pela Secretaria de Cultura e Esportes de Pociños (sua terra natal) para lançar a obra, em agosto, na Câmara Municipal da cidade e, depois, mais recentemente, em outubro, no Rota das Letras, promovido pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope).

Agora, os planos da escritora é participar, na medida do possível e com todos os cuidados sanitários, de feiras literárias e eventos acadêmicos. “Não vejo mais como necessário um lançamento presencial, organizado por mim. Pretendo lançar um novo livro no ano que vem, mas ainda estou meditando sobre como será. Ideias não faltam...”. ◀



Estes 12 títulos paraibanos foram lançados durante a pandemia e podem ser encontrados, no formato físico, na Livraria do Luiz, no Centro de João Pessoa:

*O Reflexo no Espelho: A Origem do Golpe (Ideia)*, de José Renato Uchôa.

*Os Olhos no Exílio: Fragmentos & Antimemórias (Ideia)*, de Francisco Barreto.

*Os Ditos do Quiça (Arriça)* – de Adhatilton Lacet Porto

*As Flores do Meu Jardim (MVC/Forma)*, de Juca Pontes.

*O Crime na Mira da Mídia (Ideia)*, de Érika Ferreira Bruns.

*Nobelina (Plus +)*, de Cibele Laurentino.

*Entre Parênteses: Poemas* (edição da autora), de Marineuma de Oliveira.

*Brasil: Os Parceiros do Golpe (Ideia)*, de José Renato Uchôa

*Curtinhas da Querentena* (Ed. Venas Abiertas), de Ana Lia Almeida.

*Como Fazer Parte de Uma Geração Vencedora (MVC/Forma)*, de Catherine Pacheco.

*Cangaceiros de Lampião, de A a Z* (reedição), de Bismarck Martins de Oliveira

*Bolsonarismo: Ideologia, Psicologia, Política* (CCTA/UFPB), de Rubens Pinto Lyra.

# Editora

## A União

AMPLIA CATÁLOGO E INVESTE  
NA QUALIDADE DAS PUBLICAÇÕES  
DURANTE A PANDEMIA

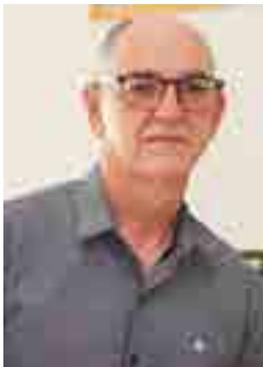


FOTO: ROBERTO GUEDES



*Naná Garcez: equipe saiu mais fortalecida da experiência*

FOTOS: EVANDRO PEREIRA



*Para William, esforço durante a pandemia foi recompensador*

FOTOS: MARCUS ANTONIUS



*Alexandre Macedo: equipe procurou superar as limitações*

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

**E**m plena pandemia, passaram pelas máquinas da Editora A União, livros infantis, de crônicas, poemas, históricos, revistas sobre esporte e muitas outras publicações. Mesmo diante dos desafios para a aquisição de insumos, a necessidade de adesão ao trabalho remoto e adoção da comunicação à distância, a equipe não cruzou os braços no período de isolamento social. Pelo contrário, seguindo os protocolos sanitários, conseguiu adaptar-se, superou as adversidades e atendeu as demandas que chagaram à Casa, que faz parte da Empresa Paraíba de Comunicação (EPC).

Somente no período pandêmico foram mais de 20 publicações, entre livros e revistas feitas na editora, sem falar em estatuto, agendas, manual e e-book, produzidos no período. Os temas foram bem diversificados: o educador Paulo Freire, o economista Celso Furtado, o jornalista e poeta Jurandy Moura, o escritor José Lins do Rego, o time do Botafogo, o governo de João Goulart e a história da

Paraíba, só para citar alguns exemplos.

O gerente da Editora A União, Alexandre Macedo, vivenciou de perto a rotina dos profissionais durante esses meses de “novo normal”. Ele contou que entre os desafios de lançar um livro durante uma pandemia está o fato de muitos profissionais precisarem ficar recolhidos em suas residências durante determinado momento, ou seja, trabalhando remotamente, fora da empresa. “Este fato dificultou, no primeiro período, o ritmo das produções. Entretanto, com o passar dos dias, o diálogo entre os diferentes setores fluiu de forma mais ágil, proporcionando que pudéssemos ter uma produção bastante significativa”.

Após a obra ser confeccionada, chegava a hora de se fazer o lançamento, que também ocorreu dentro de um modelo não tradicional, uma vez que foram realizados virtualmente, pela internet, através das famosas “lives”. Mesmo sem o contato direto com o leitor, o *feedback* do mercado foi positivo. “Conseguimos comercializar as nossas publicações, após os lançamentos, enviando via Correios

ou fazendo entregas, quando o cliente era morador de João Pessoa. Além disso, conseguimos estabelecer contatos com alguns escritores resultando, em muitos casos, na venda dos nossos serviços editoriais e gráficos”, ressaltou Alexandre.

## EQUIPE FORTALECIDA

A diretora presidente da EPC, Naná Garcez, destacou que a equipe saiu mais fortalecida da experiência. “Se você consegue trabalhar na adversidade, quando as coisas vão se regularizando, você tem muito mais experiência e flexibilidade para encarar novos desafios”, frisou.

Segundo ela, está nas atribuições da EPC valorizar a cultura paraibana de um modo geral. “E está na história de A União ser uma grande editora. Esse trabalho, coincidentemente, foi intensificado na pandemia, período em que a diretoria decidiu fortalecer essa ação que a editora sempre cumpriu”, completou.

O trabalho da Editora A União foi feito, algumas vezes, conjuntamente com parceiros, a exemplo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a Academia Brasileira de Letras e a Academia Paraibana de Letras. Esse trabalho compartilhado com instituições de credibilidade qualificou melhor as obras. “Isso é algo que tem permitido maior visibilidade do material que sai da editora”, acrescentou a diretora-presidente.

Naná Garcez explicou que as ações editoriais na EPC são submetidas a um processo criterioso de seleção. As obras que

chegam à casa passam, entre outros “olhares”, pelo filtro de um Conselho Editorial. Todo cuidado sobre a opção por cada obra editada, assim como o trabalho minucioso da feitura do livro é necessário para garantir a qualidade do produto final.

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES  
FEITAS PELA EDITORA

**A UNIÃO**

DESDE O INÍCIO DA  
PANDEMIA

**Livros:**

*Espelhos de Papel*  
*A Trilogia de Celso Furtado*  
*Celso Amorim*  
*Mulheres Inspiradoras*  
*Sementes Cinematográficas*  
*Paraíba na Literatura II*  
*Celso Furtado: Pensar o Mundo, Para Mudá-lo*  
*Paraíba: Nossa Natureza*  
*Porto de Cabedelo*  
*O Grito das Iaras*  
*Paulo Pontes: A Arte das Coisas Sabidas*  
*Poemas Reunidos: Iluminuras e Outros Poemas*  
*O Paraibano Celso Furtado*  
*Cartas a Paulo Freire, v. 1*  
*Estudando História da Paraíba*  
*Cartas a Paulo Freire, v. 2*

**Revistas:**

*Revolução 1930*  
*José Lins do Rego: 120 anos 90 vezes Belo*  
*Uma música para José Lins*  
*Museu da Cidade de João Pessoa*



Além de valorizar a produção literária do estado, o trabalho editorial de A União também gera mais perspectivas de negócios, uma vez que as obras são levadas às feiras de livros e eventos culturais, divulgando a marca e o trabalho ofertado na

**NÍVEL GRÁFICO E EDITORIAL FOI ELEVADO MESMO COM PANDEMIA**

O diretor de Mídia Impressa do Jornal A União, William Costa, declarou que editar e publicar livro num contexto social marcado por uma crise sanitária, econômica e também política, num âmbito nacional, trouxe uma série de dificuldades, que foram superadas graças ao empenho da equipe. “Porque trabalhamos dentro de um clima de muita harmonia, de muita paixão pelo que fazemos”, reforçou.

Segundo ele, o grupo de profissionais conseguiu elevar o nível gráfico e editorial dos livros produzidos n’A União, mesmo em meio à pandemia. O resultado do empenho foi um retorno positivo, tanto dos autores, quanto dos leitores sobre o trabalho realizado. William Costa frisou que não foi uma missão fácil, porém foi possível manter uma linha de produção satisfatória, que ampliou o catálogo da editora em termos de qualidade e quantidade.

“Diversificamos bastante

EPC. Com a maior flexibilização das atividades na Paraíba, devido à estabilidade dos casos de covid-19, os livros que foram lançados nas plataformas digitais, já estão sendo levados para apreciação do público em eventos presenciais.

a nossa produção. Têm boas obras no campo da história, da biografia, da crônica, da poesia. Tivermos esse cuidado de diversificar as publicações, acrescentada também de suplementos especiais como tivemos o dos 90 anos da Revolução de 1930, o de José Lins do Rego, marcando os 120 anos de nascimento do escritor, e assim por diante. Considero que fomos vitoriosos”, salientou.

A parte negativa da experiência, segundo ele, foi a ausência dos leitores nos lançamentos, que ocorreram de forma virtual, o que implicou na ausência de um maior registro, uma documentação da apresentação das obras à sociedade. A necessidade do isolamento social também não permitiu a interação, o contato físico entre escritor e leitor. Mas, com a flexibilização cada vez maior das atividades devido à redução e estabilidade dos casos de covid-19, a expectativa é de que se possa fazer esses lançamentos, o mais breve possível, da forma tradicional. “Porque tem muita novidade boa vindo por aí”, revelou William.

**ONDE ENCONTRAR OS LIVROS DA EDITORA A UNIÃO**

O gerente da Editora A União, Alexandre Macedo afirmou que as produções da Editora A União podem ser adquiridas em eventos culturais que estão sendo realizados com a presença de público, seguindo as normas sanitárias de prevenção à covid-19, como o projeto Rota das Letras, que acontece quinzenalmente no

Pavilhão do Chá; a Expotec e a Feira dos Aromas, evento de inclusão que acontece na Fundação Casa de José Américo (FCJA).

O público ainda pode encontrar as obras na sede da própria editora (BR-101, Km 3 - CEP 58.082-010, Distrito Industrial) ou na Livraria do Luiz, localizada no centro da Capital.

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



# Riobaldo, Tatarana, Professor...

**R**iobaldo não é só jagunço. Ele é mais complexo do que isso. Antes de entrar na jagunçagem, Riobaldo foi professor e professor de Zé Bebelo, “homem de muita raposice” (22ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 100), na fazenda Nhanva, no Palhão (p. 96). O título deste ensaio é a saudação de Zé Bebelo a Riobaldo, no último encontro dos dois. A sugestão para Riobaldo ir além nos estudos, parte de Nhô Marôto, no Currealinho, aonde o padrinho Selorico Mendes o enviou, para ele ter escola – “Baldo, você carecia mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem. Você não é habilidoso” (p. 87). É Mestre Lucas, contudo, quem põe Riobaldo nesse caminho, rapidamente trilhado:

“– ‘É certo. Mas o mais certo de tudo é que um professor de mão-cheia você dava...’ E, desde o começo do segundo ano, ele me determinou de ajudar no corrido da instrução, eu explicava aos meninos menores as letras e a tabuada.” (p. 87)

Mas não quero falar desse professor, “que merecia de ir para cursar latim, em Aula Régia” (p. 18). Interessa-me o outro professor, o que nos ensina mais sobre vida e sobre os sentimentos do que os livros, aquele que intui que “Quem desconfia, fica sábio” (p. 104). Riobaldo é, no mínimo, um duplo, como quase tudo o que ocorre em *Grande Sertão: Veredas*. Duplo e dúbio. A maior duplicidade é o amor por Diadorim, tendendo à dubiedade de sentimentos, diante de uma realidade amorosa que ele deseja e, ao mesmo tempo, rejeita. Repugna até, mas desejando. Maravilhoso paradoxo a expressar que “o corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende” (p. 28), ao mesmo tempo que confessa – “meu corpo gostava de Diadorim” (p. 135). Desejo que se revela maior, quando frustrado pela descoberta de que Diadorim era Deodorina (p. 432). Rejeição do mesmo calibre, que precisa ser colocada para fora, mas com cuidado, não de maneira direta, mas de modo

FOTOS: REPRODUÇÃO



Capa da 22ª edição de  
*Grande Sertão: Veredas*,  
lançada em 2019

► circular, sinuoso, como tudo o que nos incomoda, quando somos obrigados a falar de um incômodo. No caso de Riobaldo, perturbação provocada pela duplicidade do amor dividido entre Otacília, “amor que veio de Deus”, e Diadorim, um amor “todo tormento” (p. 106), sobretudo porque Diadorim era “o sol entrado” (p. 144).

A sua narrativa, também dupla, já acentuada por mim em outro ensaio, tenta esconder na amplidão dos Gerais e nas aventuras de viagens, guerras e vinganças, o amor, que aparece esgarçado, no início, mas que vai, aos poucos, engrossando, sem deixar margem a dúvidas, à medida que a narrativa vai se compondo com os detalhes desordenados expostos ao ouvinte-narratário e, evidentemente, aos leitores. Cabe ao leitor, assim como o faz o ouvinte, anotar o narrado, para tentar ordená-lo e não se deixar engolir pelo rio caudaloso das informações que fluem do narrador Riobaldo e cuja advertência ao seu interlocutor deve ser seguida por nós leitores – “No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam” (p. 67), “Deveras se vê que o viver da gente não é tão cerzidinho assim” (p. 85), “A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes” (p. 362).

Riobaldo precisa falar, não apenas para o outro, mas para si mesmo, ele quer se ouvir sobre o que o aflige, procurando entender o desejo que cinde sua razão:

“– Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere” (p. 109)

O ouvinte, como já sabemos, faz intervenções que não aparecem senão na fala do jagunço, a responder ou a retrucar o que lhe foi perguntado, ou por alguma consideração sobre o narrado. Ele, o ouvinte, homem da cidade, culto, invejado, “com toda leitura e

suma doutoração” (p.18), que viaja de jipe (p. 79), anota o que acha importante, mostrando interesse sobre o narrado e deixando nas entrelinhas a necessidade de refletir e de aproveitar, de algum modo, o que lhe foi dito. Sobretudo, a essência que consegue se destacar das várias camadas da história que lhe está sendo contada: o amor de Riobaldo por Diadorim e a relutância daquele em aceitar o fato – “eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar” (p. 33), num estado aflitivo e angustiante, que lhe divide o corpo da alma:

“Deixei meu corpo querendo Diadorim; mi-

nha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia. Diadorim – mesmo bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para o outro pode ser decreto, é, para destino ►



O mineiro Guimarães Rosa, autor de 'Grande Sertão: Veredas': "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende"

► destinar... E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio dos meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um o outro. E tudo impossível. Três-tantos impossível, que eu descuidei, e falei: – *...Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos... –*; o disse, vagável num esquecimento, assim como se estivesse pensando somente, modo se diz um verso.” (p. 413)

É a luta contra o desejo contido e a rejeição, mesmo depois de descoberta a verdade frustrante, que leva Riobaldo a falar e falar com prudência, sob muitas camadas, que vão, pouco a pouco se desfazendo e expondo a realidade

incompreendida até para o seu interlocutor. Para que isso possa ser possível, Riobaldo se impõe um luto, pedindo a Otacília um tempo para si, antes de casar-se com ela:

“Mas eu disse tudo. Declarei muito verdadeiro e grande o amor que eu tinha a ela; mas que, por destino anterior, outro amor, necessário também, fazia pouco eu tinha perdido. O que confessei. E eu, para nôjo e emenda, carecia de uns tempos. Otacília me entendeu, aprovou o que eu quisesse. Uns dias ela ainda passou lá, me pagando companhia, formosamente” (p. 431)

A restrição imposta por Riobaldo diz da necessidade de refletir sobre o acontecido e, sobretudo, de tentar digerir não só o amor frustrado, mas o amor que permanece incômodo e vergonhoso. Mesmo depois de ele saber quem era realmente Diadorim e já não existir, em tese, o interdito social, dentro dele, no entanto, encontra-se viva essa proibição ditada por um espaço, o Sertão, em que “homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada” (p. 84). Sem esse

tempo e distanciamento, Riobaldo não poderá seguir em frente. Trata-se, portanto, mais do que o “nôjo”, nome popular que se dá ao luto, pela perda. É uma tentativa de acalmar um incômodo, que não o larga, pela escolha de amar alguém que se apresentava como homem, um igual a si, deixando-o mergulhado na zona escura de um amor inadmissível aos olhos dos outros e que se entranhara no seu coração, afinal “coração da gente – o escuro, escuros” (p. 33); amor que se sente dentro, embora se relute contra – “Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava” (p. 145).

A cena em que Riobaldo, choroso, chama Diadorim, já no leito de morte, de “Meu amor!...” (p. 429) é das mais fortes no romance, tendo em vista que ele o faz à vista dos quantos estão ali, todos surpresos como ele. Talvez essa revelação pública de um amor proibido seja o início do processo que vai se completar com a narração feita, em primeira mão, ao Compadre Quelimém e, depois, a um estranho, que faz poucas e pontuadas intervenções, anotando o que considera mais interessante.

Do Riobaldo professor, nos vem um dos seus ditos mais populares, conhecido de todo leitor e dos não leitores de *Grande Sertão: Veredas* – ►

*Riobaldo, em adaptação da obra para os quadrinhos, lançado pela Globo Livros: personagem é, no mínimo, um duplo, como quase tudo o que ocorre em 'Grande Sertão: Veredas'*



- ▶ “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (p. 224). Riobaldo sabe que a aprendizagem não para, seja a da vida, seja a do conhecimento formal dos livros e da escola. Sobre a vida, ele começa a reaprender com o Compadre Quelemém, inclinando-se, não de todo, para as lições do Espiritismo, lições consoladoras que o fazem lidar, ainda que em parte, com a perda de Diadorim:

“Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência – calma de que minha dôr passasse; e que podia esperar muito longo tempo. O que vendo tive vergonha, assaz.

Mas, por fim, eu tomei coragem, e tudo perguntei:

“– O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?”

Então ele sorriu, o pronto sincero, e me vale me respondeu:

“– Tem cisma não. Pensa para diante. Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são quase iguais...” (p. 434)

A visão não recriminadora do homem simples, o Compadre Quelemém, própria da caridade espírita, que procura deixar para trás o que já passou e “pensar para diante”, diverge daquela do seu interlocutor, com “carta de doutor” (p. 25), recriminação que podemos deduzir da resposta de Riobaldo à reação desse homem da cidade, instruído, ao saber do ciúme de Diadorim por causa de Otacília:

“O senhor espere o meu contado. Não convém a gente levantar escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro.” (p. 141)

“

**“Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas pêrdas e colheitas. Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere”**

Sobre a aprendizagem formal, Riobaldo tem consciência do quanto o aprender requer mais aprender, alargando-se constantemente, tendendo ao infinito – “Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas” (p. 297). Não é por outro motivo que a vida é travessia, como ele afirma no final de sua história. Talvez seja esta a razão por que Guimarães Rosa colocou, após a conclusão do romance, o símbolo matemático de infinito. Viver é perigoso, sim, não porque se pode morrer. Morrer está dentro do sistema, não é surpresa, ainda que nos surpreendamos com a morte. Viver é perigoso, porque viver é aprender e aprender é perigoso. Aprender nos leva a mais buscas sobre o conhecimento e amplia a nossa

visão sobre os fatos, dando-nos mais responsabilidades sobre eles.

Logo no início da narrativa, o que Riobaldo afirma – “Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa” (p. 18) – parece integrar-se à resposta do urucuiano Salústio, que não desprega dele, na fazenda dos Tucanos, onde eles se encontram sitiados, desconfiando de que o jagunço quer mais do que aprender os seus segredos de exímio atirador: “É no junto do que sabe bem, que a gente aprende o melhor...” (p. 249). Esta nova procura de Zé Bebelo, homem “inteligente e valente” (p. 61), que se torna o último encontro dos dois, é para aprender, numa hora dificultosa, aprender com quem sabia mais do que ele, já percebido no primeiro encontro, quando Riobaldo torna-se o seu professor – “O que ele queria era botar na cabeça, duma vez, o que os livros dão e não. Ele era a inteligência! Vorava” (p. 98). A ida em busca do Compadre Quelemém, indicado por Zé Bebelo, é caminho para mais aprendizagem.

Na travessia da vida, Riobaldo percebe que a aprendizagem nunca se transforma em aprendizado. A aprendizagem é um *continuum*, algo vivo e dinâmico, refletindo com precisão a noção do *infectum* latino: uma ação em processo. O aprendizado é o terminado, cumprido, realizado, que traduz a outra concepção latina da ação verbal, o *perfectum*. Se professor é o que sempre aprende é porque o conhecimento demanda um acompanhamento que não pode ser interrompido, em tudo na vida, pois “o mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra” (p. 129). ✦

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

**TATTOO**

The light is like a spider.  
It crawls over the water.  
It crawls over the edges of the snow.  
It crawls under your eyelids  
And spreads its webs there –  
Its two webs.

The webs of your eyes  
Are fastened  
To the flesh and bones of you  
As to rafters or grass.

There are filaments of your eyes  
On the surface of the water  
And in the edges of the snow.

Wallace Stevens

**TATUAGEM**

A manhã é qual aranha.  
Ela arranha as águas.  
Ela arranha as franjas da neve.  
Ela arranha sob tuas pálpebras  
e lá espelha suas teias –  
duas teias.

As teias de teus olhos  
estão atadas  
às tuas carnes e aos ossos teus  
como caibros ou galhos.

Há filigranas de teus olhos  
sobre o espelho d'água  
e nas franjas da neve.

Tradução de Daniel Sampaio

**Prelúdio ao Elogio de Fausto**

A fina dor que sinto  
sob a linha do peito  
lembra-me do afinado  
Violino do Diabo

...

*Kantate Faustus*

...

A música-morfina do  
Dia dos Mortos.

Estudos nº 04

**Coveiros e caveiras**

Mórbido, eu sei, o título, mas não  
leve a mal, meu leitor. São tempos mortos,  
repletos de cadáveres, fedor,  
Podridão, torpor, bÍlis e caixão.

Demais, o soneto, um alento vão  
dessa mísera condição do autor,  
nada poderá contra este estertor  
que é a morte alheia da solidão.

Mas não deixa de ser soneto e título.  
Um chiste, xingamento em meio a covas,  
Mortuários, monturos – um crás pio

do carcará que pega, mata e come.  
Um ir assim ao fim – o autor, ligeiro,  
*Vermifugo* entre caveira e coveiro.

**E Jesus disse...**

“Sou o caminho, a verdade e a vida”,  
disse Jesus. Ao passo que outros vêm  
e dizem: “conhecereis a verdade  
e a verdade vos libertará” – nem

o *apud* salva a heresia, porém.  
Não sou eu, caro leitor, quem dará  
luz contra o engano. Tu o conhecerás,  
no entanto, por ti mesmo. Tu convéns?

“Não!”, eu sei. Por isso esses versos tolos  
só pra dizer que o *apud* não salvará  
tua alma infeliz, triste, herege, pobre.

Purismo pútrido. Sangue-açougue.  
Casto encosto. Vaidade vida. Pasto  
Lamacento. Verdade, só azougue.

**Dias em Rede**

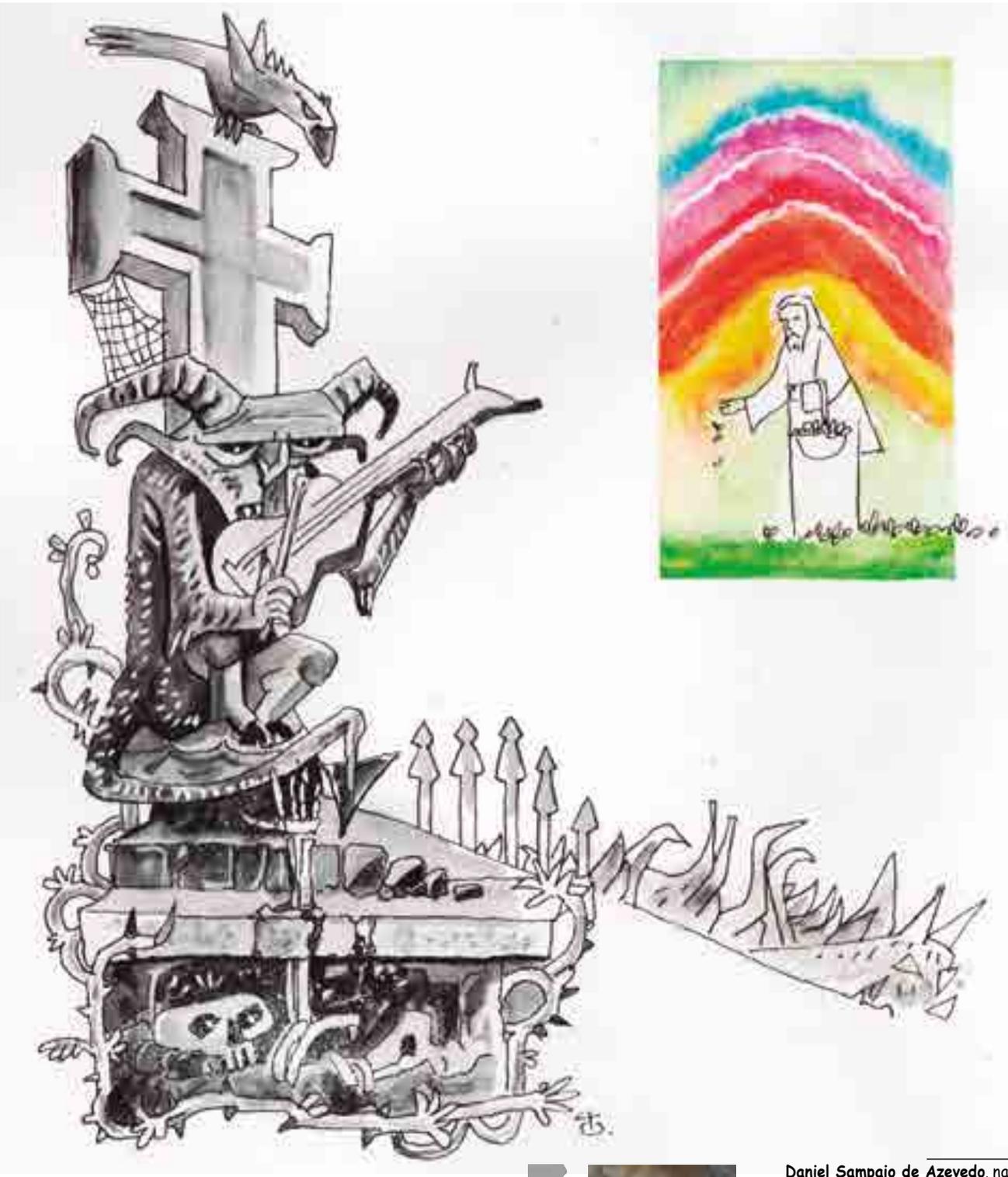
Este soneto não começa bem.  
Explico: não, eu não vou explicar.  
Que graça isso teria? Nenhuma, nem!  
“A facilidade é minha, meu chapa”.

Como dizia, não começa bem.  
Você pode pensar – pensar errado –  
Que basta ler, fazer de mim somenos,  
deitar-se em paz na rede, nada mais.

“Embustel!”, poderias me dizer.  
Aceito, mas não explico. Nem a pau.  
Só me resta calar e você não ler.

Mas – continuo – não começou mal.  
Com tanta gente, tanta gente miúda,  
que sentido nenhum nos será fútil.

# Sampaio



**Daniel Sampaio de Azevedo**, natural de João Pessoa (PB), é autor da plaquete *Terror Sagrado sob o Sol de Meio-dia (Mondrogo)*, lançado em 2019, participou da antologia *Todo Começo é Involuntário: a poesia brasileira no início do século 21* (Lumme editor), organizada por Claudio Daniel, e já teve poemas publicados pelo *Correio das Artes*. Mora e trabalha em João Pessoa.

# Pedro Américo,

## PROFESSOR, PICTÓRICO E LITERATA – e por que não?

**Francelino Soares**

Especial para o *Correio das Artes*

**L**ocalizada na microrregião do Brejo paraibano, a cidade de Areia surgiu como povoado em 1625. Considerada uma terra de cultura, teve erguido o seu Theatro Minerva (1859) três décadas antes do Theatro Santa Roza, na capital do estado. Um grupo de famílias de senhores de engenho abastados construiu o teatro, inicialmente chamado de Theatro Particular.

A cidade foi berço de nomes que pontificam no espaço destinado à cultura nacional: José Américo de Almeida, cujo romance *A Bagaceira* teve como cenário a antiga paisagem rural areense; Maria Verônica Secreta, autora do romance *A Revolta do Quebra-Quilos*, também ali ambientado; Padre Azevedo, inventor da primitiva máquina de escrever; Pedro Américo de Figueiredo e Melo, um dos mais famosos pintores brasileiros, que tem sua arte admirada e louvada pelo mundo.

A título de curiosidade, foi Areia a primeira localidade a libertar os seus escravos, em 3 de maio de 1888, portanto, antes da outorga da celebrada Lei Áurea.

Areia dispõe de dois museus que recebem anualmente inúmeros turistas: o

Museu Regional de Areia e o Museu Casa de Pedro Américo.

Pedro Américo nasceu no dia 29 de abril de 1843 na cidade de Areia, município da Paraíba. Foi cientista, teórico de arte, filósofo, ensaísta, político, professor e é apontado como um dos maiores pintores acadêmicos do Brasil.

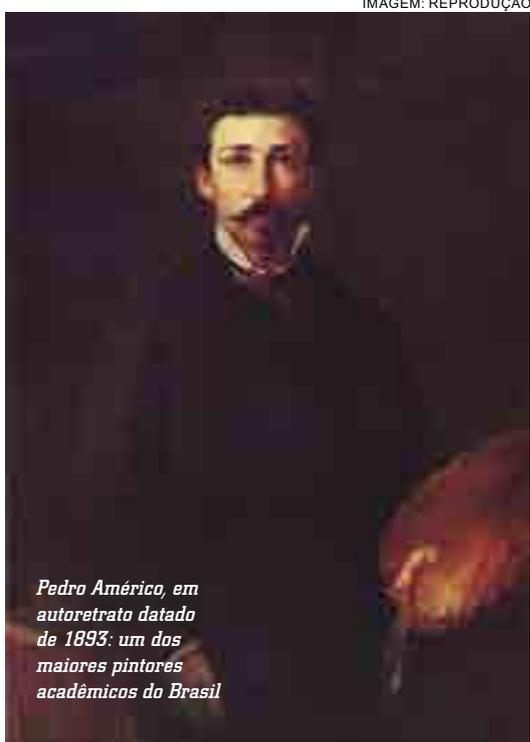
Ainda, praticamente na infância, quando contava de 9 a 11 anos, foi contratado como desenhista para acompanhar o naturalista francês Louis Jacques Brunet em missão científica pelo Norte/Nordeste do Brasil (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco). O objetivo era documentar a flora e a fauna dessas regiões.

Após o cumprimento e sucesso da missão, o menino chega ao Rio de Janeiro e, após um período de aperfeiçoamento artístico, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes. Nessa escola, em face dos inúmeros prêmios e medalhas conquistados pelo seu talento – 15 medalhas entre ouro e prata e diferentes diplomas – é apelidado de “papa-medalhas”.

Com o reconhecimento unânime de suas qualidades, em 1859, obteve de Dom Pedro II uma bolsa de estudos para a Escola de Belas Artes de Paris, como pesquisador das obras de Horace Vernet, Jean Dominique Ingres e de León Cogniet. Em paralelo, estudava no Instituto de Física de M. Ganot, tendo obtido o diploma de Doutor em Ciências Naturais. E, como se não bastasse, ainda se matriculou nos cursos de Filosofia e Literatura, concluídos na Sorbonne.

Após uma breve estada na Itália, regressou ao Brasil, em 1864, onde permaneceu por quatro anos, quando, então, empreende uma segunda viagem à Europa, especificamente a Bruxelas onde, após frequentar as aulas regimentais, conclui o doutorado em Ciências Físicas, defendendo sua tese de que se originou o livro *La Science et les Systèmes (A Ciência e os Sistemas, em edição nacional)*.

Em 1870, novamente regressa ao Brasil, já casado com Carlota, filha do então já eminente Manuel de Araújo Porto Alegre, Cônsul-Geral



*Pedro Américo, em  
autoretrato datado  
de 1893: um dos  
maiores pintores  
acadêmicos do Brasil*

do Brasil em Portugal. Já no Rio, assumiu a cadeira de Desenho da Academia Imperial de Belas Artes e, em seguida, as cadeiras de Estética, História da Arte e Arqueologia, tendo lecionado por 20 anos, até o ano de 1890, quando foi jubilado.<sup>1</sup>

Com a proclamação da República, Pedro Américo foi eleito deputado à Constituinte de 1890.

Por essa época, o seu prestígio já estava consolidado na Europa, quando passou a residir em Florença. Em terras italianas, faleceu em 7 de outubro de 1905.

Em 1985, o celebrado cronista de artes Walmir Ayala escreveu que Pedro Américo “[...] consumou todo o seu rigor italiano de um verdadeiro academismo, o que lhe valeu a consagração da crítica europeia no final do século XIX, e conquistou no Brasil uma popularidade sem igual entre seus contemporâneos”.

## SUAS OBRAS LITERÁRIAS

No universo literário, Pedro Américo escreveu o ensaio “Refutação à Vida de Jesus, de Renan”<sup>2</sup>, por conta de cuja obra foi condecorado pelo Papa Pio IX com a Ordem do Santo Sepulcro. Como já dito, legou-nos a obra *A Ciência e os Sistemas*, que teve tradução do Prof. Gabriel Alves de Oliveira (*in memoriam*) pela Editora da UFPB, em 2003, e, ainda, *A Reforma da Academia de Belas Artes de Paris e Discurso Sobre Estética*.

<sup>1</sup> Obtenção de aposentadoria, com vencimentos integrais, após o transcurso de período determinado por lei, como prêmio e honra em face dos serviços prestados junto a uma instituição pública.

<sup>2</sup> RENAN, Ernest. (1823-1892). Foi um acadêmico, filólogo, filósofo e historiador francês, exegeta erudito, porém audacioso no levantamento de suas hipóteses. Era um racionalista. Sua obras “Origens do Cristianismo” e “Vida de Jesus” (1863) foram colocadas pelo Vaticano no *Index*, que é a lista de livros cuja leitura a Igreja Católica considera nefasta quanto à fé, à moral e aos bons costumes.



Pedro Américo pintou outro autoretrato, desta vez na “Batalha do Avaí”



Rabequista árabe pertence ao acervo do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro

## SUAS OBRAS PICTÓRICAS

Inúmeras são as obras pictóricas produzidas por Pedro Américo. Algumas delas, obviamente apenas em reprodução, são mantidas no citado Museu Casa de Pedro Américo, em Areia.

Uma seleção dos seus quadros mais célebres: *Batalha do Avaí*, encomendado pelo Governo brasileiro, obra iniciada no Brasil e concluída, em 1877, em Florença, quando foi exposta na Galleria degli Uffizzi, encontra-se hoje no Museu Nacional de Belas Artes, junto com outras 17 de suas obras, entre as quais estão *David e Abzag* e *A Noite com os gênios do estudo e do amor*; o *Grito do Ipiranga* (1888), este encomendado pelo governo de São Paulo e, hoje, em exposição no Museu do Ipiranga (SP); *Batalha de Campo Grande*, *Casamento da Princesa Isabel* e *Dom Pedro II na abertura da Assembleia Geral*, essas últimas podem ser vistas e visitadas no Museu Imperial de Petrópolis. Outras obras suas estão espalhadas pelos Museus de Arte de São Paulo e na Escola (Museu) de Belas Artes do Rio de Janeiro, encontrando-se, nesta última, *Rabequista árabe*. ❖

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERMAKOFF, George. Dicionário Brasileiro Ilustrado de Personalidades da História do

Brasil. G. Ermakoff – Casa Editorial, Rio de Janeiro, 2012.

LELLO, José et Lello, Edgar. Dicionário Prático Ilustrado. Lello & Irmão – Editores. Porto, Portugal, 1966.

MIRADOR, Enciclopédia Internacional. Vol. 2. Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo (SP), 1977.

Francelino Soares é professor aposentado pela UFPB (CCHLA/DLCV) e autor de livros de cunho didático. Também é colunista do Jornal A União, onde escreve sobre música. Como memorialista, seu livro mais recente é *Portal da Memória - Um passeio pelo passado de Cajazeiras*, da editora Arribaçã (2020).



# A única vítima do terremoto

**Cláudio Feldman**

Especial para o *Correio das Artes*



## 1

O cientista Arthur Dix detectou em seu sismógrafo sutis mudanças geológicas que aconteciam antes de um terremoto, em Pappalardo, e comunicou ao prefeito desta cidade.

O sr. Muffel levou-o a sério e milhares de vidas foram salvas.

Em agradecimento, o geólogo foi contratado para ser o vigia-mor do município quanto a novas epilepsias terrestres.

Dr. Dix, sábio afável, tornou-se uma venerada figura pública, frequentemente visitada por crianças com buquês.

Um amanhecer, o cientista acordou com uma fina sensação nas veias de que um novo cataclismo iria acontecer.

Consultou sua aparelhagem, que indicava vibrações de um possível terremoto. ▶

▶ O geólogo explicou, via rádio e tv locais, que as contorções da terra poderiam agredir Pappalardo, na adjacente passagem de setembro a outubro, e seria necessário tomar as devidas providências.

O aviso do cientista, recebido acremente pelos poderosos municipais, que não desejavam a interrupção de seus negócios, sobre-excitou o espírito da população, que lembrou-se do que acontecera há três anos.

Além disto, pequenos tremores de chão, ao aproximar-se o prazo fatídico, se fizeram sentir na zona demarcada para sofrer os efeitos do grande abalo sísmico.

## 2

A catástrofe pendente obrigou até a deficientes físicos, a preguiçosos, a incorrigíveis sedentários, com limo, a se movimentarem rumo à próxima cidade de Raskal, que, segundo cálculos de Dix, não seria atingida.

A migração mesclou todas as classes sociais, porém cada uma em seu transporte próprio: automóveis, bicicletas e pés.

A pergunta angustiada foi a mesma: será que meus pertences sobreviverão?

Ou de alguns: será que o seguro residencial valerá, se a companhia seguradora for soterrada?

As ruas, antes do completo abandono, não foram esquecidas pelos ladrões, que garantiram-se para os dias de futura miséria; os capitalistas, idem, esvaziando suas contas dos bancos.

Raskal recebeu os vizinhos, não de modo fraterno, mas comercialmente, cobrando pela hospedagem, comida, estacionamento e lazer.

“ Por escuro que seja o porvir, a vida, nosso dom mais precioso, está preservada”, pregou o bispo Joachim à multidão, luzindo seu dente de ouro.

## 3

Da esguia torre da prefeitura de Raskal, dr. Arthur Dix observava o horizonte por um potente telescópio, já que estava sem sismógrafo.

Alguns sinais certamente re-

verberariam no território contíguo.

À meia-noite, com o coração inquieto, esperou pelo início do fim de Pappalardo.

Mas, em nenhum momento, o telescópio revelou-se intranquilo: será que o eco da catástrofe não alcançaria realmente os campos de Raskal?

O cientista, insone ao lado do engenho ótico, só esperou as primeiras tintas da aurora para deslocar-se num retorno a Pappalardo, ansioso para saber a efetivação da hecatombe.

O primeiro asfalto urbano que seu carro percorreu não tinha qualquer rachadura.

Nem a fábrica de vidros.

Surpreso, apressou-se a chegar a seu laboratório, a fim de verificar o motivo da falha.

No sismógrafo, examinado milímetro a milímetro, encontrou um camundongo infiltrado, que deslocara algumas peças.

Uma pequena grande tragédia!

Com piedade, que superava a ira, não esmagou o animalzinho: afinal, quem deveria ser linchado, chamava-se Arthur Dix.

## 4

O prefeito Muffel e assessores foram os primeiros a voltar, antes da população.

Terremoto, se terremoto houvesse, não conseguira nem desmentar a escultura de Absalão, em praça pública.

Eufórico e um pouco desapontado, o prefeito telefonou para Raskal comunicando a boa nova a seus eleitores.

Estes, felizes por ainda conservarem seus pertences sem quebras, logo que esgotaram sua alegria, lembraram-se de Arthur Dix.

O miserável fora o causador de todo desconforto, aflição e gasto!

Inclusive, devido às terríveis

emoções, quase aconteceram duas mortes por infarto.

E o cientista pagaria com seu sangue!

Os prejudicados com dois dias de comércio e indústria zero apoiariam o massacre...

## 5

Mal Dix saiu de seu laboratório, foi circulado pela multidão, com fel nos olhos, já em Pappalardo.

Ao primeiro grito de “mentiroso!”, começou a ser atacado por um terremoto de escarros, chutes, ovos podres, paus, pedras e urinadas.

Num raro momento de trégua às feridas, justificou-se, sem ser compreendido:

– O destino é um camundongo.

Muffel, para acalmar a turba, disse:

– O pior não aconteceu, voltem para casa, em paz. O doutorzinho está despedido. E talvez processado...

## 6

A reputação do geólogo, no panteão, foi atirada à lama das ruas.

Seus serviços de especialista nunca mais aconteceram, nem mesmo em cidades humildes.

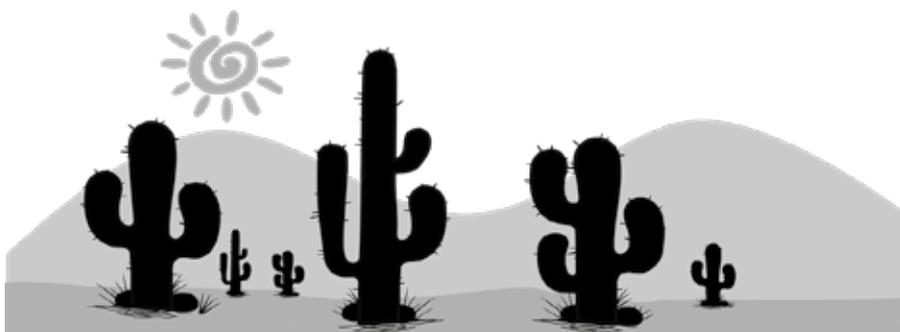
Tornou-se um leproso social.

O dr. Arthur Dix, a única vítima do terremoto, terminou os seus dias em Kasper, oculto numa barba e pseudônimo, cambiando pedras artesanais por pão.

Tempos depois, Pappalardo, sem um sentinela geológico, foi atingida por um terremoto de magnitude 8, que liberou uma força equivalente a seis milhões de toneladas de dinamite.

Em suas ruínas, jamais retocadas, se arrastam víboras, escorpiões e cogumelos estranhíssimos. ❖

Cláudio Feldman é professor aposentado e autor de 57 livros; o mais recente é “Aron Feldman: Cinema Nas Veias” (Fundo de Cultura de Santo André, 2021).



ILUSTRAÇÕES: PIXABAY

# O repente

SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA DA CULTURA POPULAR EVOLUIU E SE RECRIOU DURANTE A PANDEMIA

**Alexsandra Tavares**  
*lekajp@hotmail.com*

**D**as cordas da viola, sai o som ritmado que enaltece a poética improvisada dos repentistas. Oliveira de Panelas e Rogério Menezes são apenas alguns nomes de paraibanos (naturais ou radicados) que atualmente se destacam nessa arte da cultura popular. Precusores como Romano do Teixeira, Inácio da Catingueira, Pinto de Monteiro e muitos outros que os sucederam deram vida e voz a essa atividade, que emergiu da zona rural do Nordeste brasileiro e conseguiu se manter perante a modernidade da internet e o passar do tempo, se espalhando pelo país e pelo mundo.

Nas feições e alegria do público, os repentistas encontraram a energia necessária para alimentar a cantoria ao longo de décadas, passeando entre o povo simples da roça e a elite urbana, entonando seus versos em singelas feiras de rua, até os mais



▶ requintados teatros e casas de espetáculos. Mas em tempos de pandemia e isolamento social, onde ecoaram as vozes desses cantadores? Sem o calor e proximidade do povo, tradicionalmente comuns nessas apresentações, como esses artistas buscaram palco para expor, em forma de canto, a ligeireza de suas rimas?

Assim como em outros segmentos artísticos, as plataformas digitais foram a saída, senão a mais familiarizada, a mais eficiente para sustentar a arte em meio à invasão do novo coronavírus no planeta. A tecnologia, para alguns, não será algo passageiro, mas veio para ficar e se agregar à função do repentista. Do Sertão nordestino para o resto do país e, agora, rapidamente, atravessando fronteiras.

O poeta declamador Iponax Vila Nova trabalha com o universo do repente há mais de 20 anos e também tem no

FOTO: DIVULGAÇÃO



*Iponax: cantorias pelo Youtube e queda no número de apresentações*

próprio sangue importantes representantes da atividade. Filho de Ivanildo Vila Nova e neto de José Faustino Vila Nova, dois grandes nomes da repente no país, Iponax promove e apresenta eventos de cantoria. Ele mantém um programa do gênero na rádio Caturité, em Campina Grande, chamado *O Universo dos Versos*, e também preside o Clube do Repente, fundado em 2006, na Rainha da Borborema.

Iponax sabe de cor como se sucederam as apresentações com repentistas paraibanos nessa fase de restrição imposta pela covid-19. De abril a outubro do ano passado, as cantorias mensais realizadas no clube foram transmitidas pelo Youtube, sem presença de público. Em novembro de 2020, seguindo o decreto estadual, o público retornou fisicamente, mas com restrição. “No período pior da pandemia, eu, que fazia em média 10 apresentações por mês, fiz três ou quatro. Uma do clube, e as demais foram eventos de outros estilos. Essa também foi a média dos cantadores”.



De novembro do ano passado até agora, foram ocorrendo, gradativamente, a liberação para o recebimento presencial do público. “Há artista que já está fazendo até sete apresentações presenciais por mês, ao invés de três ou quatro. Mas aqui e acolá tem uma live”, diz Iponax. O número de pessoas na plateia ainda é pequeno, e as apresentações nas plataformas digitais foram mantidas.

Ele afirmou que, apesar das dificuldades trazidas pelo isolamento social, um fator positivo nesta adaptação foi o maior alcance que o universo on line possibilitou na disseminação da atividade. As cantorias presenciais do Clube do Repente eram realizadas em um estabelecimento comercial que costumava reunir cerca de 160 pessoas. Mas mesmo que esse modelo e público sejam retomados, Iponax revelou que não abrirá mão das transmissões pelo Youtube. A modalidade será integrada ao programa. “Se aconteceu algo de bom foi isso. Porque as pessoas que estão em outros estados podem assistir e também pagar, via Pix ou transferência bancária. É assim que estamos escapando na pandemia. Mas depois dela, não vou mais deixar de transmitir pelo Youtube”, admitiu.

## “É preciso ter dom para poder cantar...”

Nascido em 1962 no município paraibano de Imaculada, o repentista Rogério Menezes atua na profissão desde a década de 1980, integrando a geração veterana de cantadores nordestinos. Antes da pandemia, estava habituado a sentir bem de perto a presença do público em eventos que chegavam a reunir mais de mil pessoas. No entanto, com as medidas de segurança adotadas devido ao vírus, teve de se adaptar e tornou-se um dos adeptos das transmissões ao vivo via internet, as famosas “lives”.

Nas plataformas digitais, Rogério Menezes conta que encontrou vantagens e desvantagens em expor suas cantorias. “Em algumas lives, o retorno financeiro foi melhor do que as apresentações presenciais, porque é possível pegar patrocínio, apoio, de gente de todo o

Brasil. Isso não se pode fazer na cantoria presencial, porque não posso pedir patrocínio para um produto que, aquele que está distante, não vai assistir. Teve uma *live* que eu fiz com um colega que deu R\$ 10 mil”, revelou.

Ele explicou, porém, que os ganhos financeiros foram melhores no início da pandemia, quando nem todos os profissionais tinham adotado essa prática, ou seja, ainda era uma novidade. Depois, quando ela ficou mais disseminada, a frequência das apresentações foi diminuindo.

Uma das desvantagens desse recurso tecnológico, segundo ele, é que as apresentações com as pessoas presentes fisicamente costumam ocorrer mais vezes, duas ou três vezes por semana. “E a *live*, a gente fazia uma por mês, ou a cada dois meses, porque tinha que se buscar o patrocínio e também para não ficar cansativo”.

Mas para se manter relativamente bem nesse sistema de cantorias ao vivo pela internet é necessário ter articulação com uma rede de pessoas e empresários, por isso a estratégia não funcionou com todos os repentistas. Rogério afirmou que alguns colegas sofreram por causa da falta de oportunidades de trabalho. “Uns se deram bem, outros passaram aperto”.

Nesse último trimes-



*Rogério Menezes diz que uma 'live' já chegou a render R\$ 10 mil: "Melhor que apresentações presenciais"*

► tre do ano, com a maior propagação da vacinação e flexibilização para a realização de eventos, a agenda de apresentações presenciais está ganhando fôlego. Em outubro, já foi possível Rogério fechar contratos durante os fins de semana e, em novembro, o número de convites aumentou, preenchendo também alguns dias da semana. “Mas o público ainda está reduzido, porque ainda tem muita gente com receio de sair de casa”, afirmou Rogério.

### Tem de ter dom

Ao falar sobre a poética do repente, Rogério Meneses enfocou que é preciso, antes de tudo, gostar da profissão e se dedicar. “Tem pessoas que dizem que qualquer um que estuda pode fazer repente. Já eu considero que, antes de mais nada, é um dom. Quando a gente é iniciante, é mais difícil, porque a gente canta dentro de uma metrificacão”, explicou.

Com a prática, a dedicação à atividade e a vontade de se aperfeiçoar, a arte vai fluindo, e a ligeireza do raciocínio do poeta em a ção se assemelha a uma máquina funcionando na potência máxima. Rogério explicou que, enquanto um integrante da dupla está cantando, o outro tem de estar atento e já trabalhando mentalmente seu improviso. “Eu fico com a minha cabeça rodando como uma máquina, porque tenho de estar com os versos na cabeça, para quando ele calar a boca, eu soltar os meus. E ali, a gente já tem de dizer tudo dentro da metrificacão”, exemplifica.

## Depois do trabalho na roça, a hora da inspiração

Há 30 anos morando em Pernambuco, Rogério Meneses conta que se apresenta com frequência na Paraíba, terra natal de onde ele guarda várias recordações do início da carreira. Quando era adolescente, e morava na zona rural do município de Imaculada, havia um programa de cantoria na Rádio Espinharas.

Nele, o repentista aprendeu a admirar as vozes da dupla formada por Moacir Laurentino e Sebastião da Silva. “Meu pai, meus irmãos e eu saíamos da roça mais cedo para ouvir a rádio. Outra dupla que a gente gostava, e que se apresentava na rádio Pajeú, de Afogados de Ingazeira, em Pernambuco, era Sebastião Dias e João Paraibano. Ouvia essa rádio porque Imaculada já fica na divisa com Pernambuco”.

Esses quatro cantadores foram uma referência na carreira de Rogério, que desde cedo demonstrava o dom para o repente. Mas tinha um detalhe que o impedia de seguir adiante. “Eu era muito matuto, tinha vergonha de cantar com todo mundo vendo”, confessou.

Quando Rogério tinha por volta de 16 anos de idade, houve uma apresentação no sítio, em Imaculada, mas apenas um integrante da dupla apareceu no local combinado. O outro havia desaparecido. Com o tempo passando e o povo já se agoniado, lembraram que Rogério tinha voz boa para cantoria e disseram: “O menino de Pedro canta!”. E para convencer o jovem a subir no palco, os primos lhe prometeram comprar uma viola. “Eu tinha muita vontade de possuir uma viola, mas não tinha dinheiro. Então, meus primos, e alguns amigos com mais condições, disseram que faziam uma vaquinha e iriam me presentear com uma viola. Aí cantei. O outro cantador não era muito bom, e me saí bem. Mas a viola, faz uns 38 anos que espero”, disse, sorrindo.

A partir daí, o filho do agricultor Pedro Meneses (falecido) e da senhora Maria Madalena Amâncio (que mora em Imaculada) não parou mais de entoar seus versos e rimas, seguindo profissionalmente na carreira há quase 40 anos.

### Evolução da profissão...

A profissão do repentista, assim como qualquer outra, passou por transformações que, segundo representantes e estudiosos da arte, é natural. O poeta declamador, apresentador e promotor de eventos de cantoria, Iponax Vila Nova, recorda o tempo em que seu avô e seu pai, nos anos 1940, 1950 e 1960, viajavam a pé, ou no lombo de animais, para chegar até o local onde iriam cantar. Na época, muitos não tinham o repente como principal fonte de renda, porque não dava para sobreviver da atividade. “Meu avô era fiscal. A maioria dos outros cantadores também tinham outra profissão”, revelou Iponax.

Para se informar sobre determinada cidade e região onde iriam se apresentar, os repentistas de outrora tinham que comprar almanaques ou coletâneas com antecedência para ler, e assim buscar dados para montar as cantorias. Somente nas décadas de 1970 e 1980,

as condições financeiras e de trabalho desses artistas começaram a melhorar, pois já contavam com transporte rodoviário para viajar; outros conseguiram até comprar seus próprios automóveis.

Com o advento da internet, quando muitos chegaram a pensar que o repente ia ser engolido pela tecnologia, ocorreu totalmente o contrário. A modernidade ajudou o profissional a ampliar sua visão do mundo. As características das cidadezinhas pouco conhecidas ficaram disponíveis na palma da mão, ou seja, no celular. O universo conectado também ajudou a divulgar a própria atividade. “Blogs e sites foram criados. Os cantadores ganham dinheiro com o Youtube, divulgam seu trabalho nas redes sociais e são poucos os que estão alheio a isso”, destacou o poeta.

O que, de acordo com Iphonax, continua imutável é a essência do repente. Aquela disputa, a porfia, a vivacidade e ligeireza na composição da cantoria permanecem presentes na atuação do profissional. “E isso nunca vai mudar”.

## › O amor, o humor e o social na voz de Oliveira de Panelas

“Gosto muito de cantar o amor, o humor e o social”, afirmou um dos repentistas mais conhecidos dos últimos tempos, Oliveira de Panelas. Apesar de não lhe faltar oportunidade para realizar apresentações nas plataformas digitais nesse longo período de pandemia, ele foi um dos artistas do segmento que não conseguiu se familiarizar e se adequar totalmente às apresentações virtuais. “Se não fosse minha aposentadoria, que tenho há alguns anos, morreria de fome na pandemia. Muitos artistas que vivem somente da cantoria passaram aperto”, declarou Oliveira, que nasceu em Pernambuco, mas radicalizou-se na Paraíba, e hoje diz que é “paraibucano”, já que desde 1976 passou a residir no estado.

Durante a pandemia, ele disse que só participou de umas cinco *lives*, sendo apenas três remuneradas. A experiência, apesar de lhe ter trazido alguns rendimentos, lhe causou bastante estranheza, uma vez que não conseguiu sentir o feedback do público. “A *live* é

muito fria, a gente não sabe quem está olhando a gente, canta e não sabe se está ou não agradando. Tudo é muito disperso”.

Oliveira contou que, desde o início da pandemia, não realizou cantorias com a plateia presente (pelo menos até o dia da entrevista). Aos 75 anos de vida, ele confessou que teme a covid-19 e já recusou algumas propostas de trabalho para não ter contato mais direto com o público. Mas com a expectativa de tomar a terceira dose da vacina nesse mês de outubro, já organizava a agenda de apresentações tradicionais. Nela estão marcadas viagens para Guarabira, Conceição e Natal.

Ansiedade não falta para o repentista que este ano completa 60 anos de carreira e não abre mão de conservar o “olho no olho” com as pessoas na hora do show. A ausência do público fisicamente, segundo ele, interfere até na inspiração do artista e qualidade da apresentação. “Quando a agente sente que o povo não está gostando, a gente muda a forma de agradar, a te-

mática. Mas na *live*, não tem essa comunicação da reação”, diz.

Oliveira declarou que não tem repentista na família, e para se formar na arte, acompanhou o trabalho de alguns cantores que admirava. Com sua voz forte, ficou conhecido com o “Pavarotti do Sertão”. Trabalhou no rádio, conviveu e conheceu o trabalho de pessoas que se destacavam pela voz marcante no século passado, como Vicente Celestino, Orlando Silva e Nelson Gonçalves. “Eu era tenor e fui intérprete de Vicente Celestino. Tinha o repertório dele”. Ainda jovem, morou oito anos na cidade pernambucana de Garanhuns, terra dos seresteiros, onde participou de um evento musical e ganhou o 1º lugar como melhor seresteiro.

Ao longo da carreira, recebeu convites para gravar alguns discos, mas preferiu a cantoria. “Me convidaram para gravar um disco e eu não quis. Escolhi ser poeta cantador, que era o menos aceito na época. Em São Paulo, também me chamaram para cantar e escolhi meu repente, com uma cantoria recheada de inovações. Procuo inspiração por meio da beleza da arte. A cantoria, muitas vezes, tem umas nuances feiasas, então eu digo que a minha tem de ser diferente”, confessou.

### Aniversário de 60 anos

Ele contou que pretende comemorar os seus 60 anos de carreira, completados este ano, nas plataformas on line, mas formatando um modelo de apresentação semelhante às cantorias presenciais.

Oliveira pretende reunir um grupo de amigos, fechar o cachê com eles e dirigir o espetáculo apenas a esse time seletivo. A data do evento ainda não está marcada, mas a previsão é que ocorra no final de novembro. “Vai ser uma cantoria somente com meus convidados”.



Para o veterano Oliveira de Panelas, a *live* é muito fria e dispersa: “A gente canta e não sabe se está ou não agradando”

## Paraíba é protagonista na atividade

O verso improvisado, ou repente, tem uma história de milênios, e a Paraíba é protagonista nessa prática no Brasil. De acordo com o pesquisador, escritor e dramaturgo Braulio Tavares, em praticamente todas as culturas humanas têm alguma manifestação desse tipo. “No Brasil, os historiadores concordam, por enquanto, que as manifestações mais documentadas do repente como uma arte coletiva, estabelecida, com regras claras e prática constante, se situam por volta de meados do século 19 (cerca de 1850) na Serra do Teixeira, na Paraíba”, completou.

Braulio considera que o estado, de Campina Grande até o extremo Oeste paraibano, integra uma região que constitui o “epicentro da poesia popular”. Esse território cultural também conta com os estados de Pernambuco (de Caruaru até o extremo Oeste) e com o Sul do Ceará, o chamado “Cariri cearense”, que inclui Crato, Barbalha e Juazeiro.

“Essa área geográfica, descrita aqui de modo simplificado, corresponde à cultura da poesia popular, da cantoria, do repente. E todos os historiadores concordam que a chamada ‘Escola do Teixeira’, que se criou em Teixeira (PB) em torno da família Nunes da Costa,

FOTO: DIVULGAÇÃO



De acordo com Braulio, o epicentro da poesia popular está no interior da PB

no século 19, teve uma importância crucial na história do repente”.

Partindo dessa constatação, é fácil entender porque a poética do repente está tão arraigada na vida dos nordestinos e, com a modernidade, e passar do tempo evoluiu, saindo do reduto rural, para a zona urbana, sendo conhecida pelos moradores das metrópoles. E com a chegada da

internet, e o advento da pandemia, que impulsionou os artistas a se adequarem à apresentações virtuais, podemos dizer que a profissão se tornou uma arte cosmopolita que, mesmo tendo o pé em suas raízes, já deu voos solos para além das fronteiras brasileiras, sem perder sua essência.

Braulio Tavares explicou que o repente, como é cultivado atualmente, é uma forma de arte que reúne elementos da poesia, da literatura, da música, do teatro, “mas ainda assim conserva a sua feição totalmente original, mesmo que parcialmente dependente de outras”. “Seu elemento mais distintivo é o improvisado, a criação do verso feito na hora, por estímulo da plateia”.

Segundo ele, existem formas paralelas e semelhantes da cantoria em outros países. Alguns exemplos são os “payadores” da Argentina, os “bertsolaris” do país Basco, as “regueifas” da Galícia e o “freestyle” do hip-hop de língua inglesa. No Nordeste brasileiro, porém, cresceu e solidificou-se uma cultura profissional do repentista, com milhares de poetas em atividade profissional constante, ao longo de mais de um século.

### INFLUÊNCIAS QUE CHEGAVAM POR MEIO DO LITORAL

Mesmo a história do repente brasileiro tendo surgido no meio rural como atividade constante e profissional, as influências culturais que a deram forma e vivacidade chegavam por meio do mar, pelos navios que vinham de Portugal e da Espanha. O pesquisador e escritor Bráulio Tavares destacou que entre 1850 e 1900 a arte era uma poesia com conhecimento da literatura clássica, a exemplo de Camões, praticada no sertão remoto.

Porém, a partir de 1900, com o florescimento da Literatura de Cordel vista em capitais como Recife e João Pessoa, essa poética passou a assimilar cada

vez mais os temas e motivos da cultura urbana e nordestina. “Que foram a partir de então predominando sobre os temas de origem ibérica”.

Bráulio afirma que o cordel de hoje é totalmente urbano, escrito e impresso nas capitais e grandes cidades, mantendo a dicção e os estilos do cordel tradicional, mas assimilando todo e qualquer assunto sugerido pelo mundo moderno – desde a mudança nos costumes até as lutas políticas, desde a presença da cultura pop até as inovações tecnológicas.

Mesmo com essa transformação, comum a qualquer arte, o repente consegue manter suas características singulares. As principais, segundo Bráulio, são as estrofes herdadas da Península

Ibérica, como a décima com rimas ABBAACCDDC; o emprego das sextilhas (ABCBDB) substituindo a quadra (ABCB); a prática do “desafio”, da poesia narrativa (histórias em verso), do acompanhamento pela viola (e pela rabeca ou pandeiro, em menor escala).

De acordo com ele, o cordel, por definição, pode falar sobre tudo, comentar sobre tudo, dar sua opinião sobre tudo. “Sua forma de expressão é que é tradicional, centrando-se em estrofes como a sextilha, a septilha, a décima e outras”. ■

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



# Notas acerca do ensaio

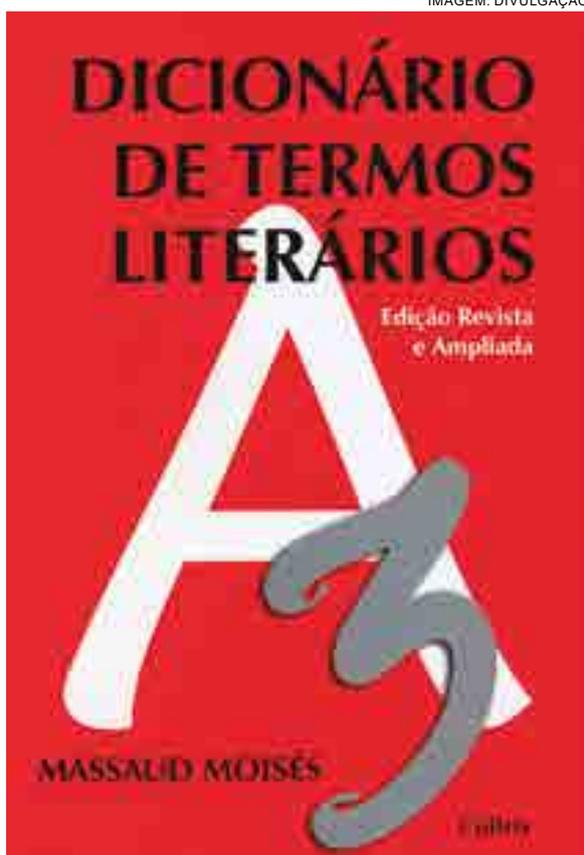
**S**eguem-se, aqui, algumas reflexões acerca do ensaio, para mim, gênero literário por excelência, não importa o viés temático que o mobilize no âmbito de sua meditação livre e subjetiva. Filosófico, estético, moral, antropológico, político, do cotidiano e literário, para ser ensaio carece de um tratamento especial no que concerne ao uso da palavra.

Também não considero, nestas notas, o fato de o ensaio se materializar num texto curto ou num volume mais denso uma vez que o tamanho não me parece elemento decisivo na sua classificação. A mim, importa, sobretudo, a liberdade do pensamento e o registro estilístico que lhe garanta o estatuto de obra literária em função naturalmente da linguagem em que vem vazado.

Para tanto, socorro-me das lições colhidas em alguns autores que a ele se dedicaram de maneira teórica e crítica, como também de minha própria intuição no farejar a sintaxe específica do gênero, o seu largo alcance semântico e, principalmente, a sua tessitura formal.

Dividirei a especulação, pois me vejo, sem pretensões, num exercício típico de ensaio, um ensaio sobre o ensaio, em dois momentos: primeiro, vou pensar o conceito no tentamen de esclarecer a ideia naquilo que for possível; segundo, comentarei brevemente alguns textos, a título de referências bibliográficas a respeito do ensaio dentro da tradição da literatura brasileira. ▶

IMAGEM: DIVULGAÇÃO



*Em 'Dicionário de Termos Literários', Massaud Moisés afirma que o ensaísta não busca provar suas ideias, nem lastrear-las eruditivamente ou esgotar o tema escolhido*

▶ PENSANDO O CONCEITO

Tomou, de saída, a origem etimológica do vocábulo. Do latim *exagi(um)*, ação de pesar. Isto é, mensurar, pensar, refletir, experimentar, provar, examinar, exercitar etc. Pesar a própria experiência e a experiência alheia; medir seus riscos e provar de seus sortilégios; refletir acerca de fatos, coisas e pessoas; examinar ideias, conceitos, teorias, e exercitar livremente o fluxo do pensamento.

Tudo isto o ensaio comporta, quer como “atitude mental”, quer como gênero discursivo, no corpo flexível de sua estrutura expressiva. Falo em “atitude mental” e em gênero porque existe um permanente debate em torno da questão.

Uns o veem como “atitude mental” e não rigorosamente como um gênero, à semelhança da crônica, da crítica, do conto ou do romance; outros o classificam como gênero, por sua vez, inteirado de suas propriedades características a diferir dos outros gêneros, tanto pela dimensão temática quanto pelos processos formais e estilísticos de que se vale o ensaísta na arrumação de suas ideias.

Não compreendo, no entanto, o fato de que uma posição deva necessariamente excluir a outra. A experiência, sobretudo a experiência de leitura, tem me ensinado que existe, sim, muito de “atitude mental”, naquilo que ela constitui de disposição particular, de olhar perceptivo, de visão original, no ensaio, sem elidir, contudo, a possibilidade de que o ensaio se configure enquanto um gênero legítimo, embora a rubrica possa contemplar trabalhos de variada natureza, até mesmo de índole paradoxal, devido a indeterminação de seus limites. Ensaio seria assim o tudo que a gente escreve e considera ensaio, para me valer da conhecida boutade de Mário de Andrade em referência ao conto.

É Lúcia Miguel Pereira que, no Prefácio ao volume *Ensaístas ingleses* (1958), da coleção Clássicos Jackson, que sustenta a ideia de que o ensaio seria, em última análise, uma “atitude mental”, na medida em que esta “significa o desejo de

tudo compreender, de captar a realidade, seja ela espiritual ou material, em todas as suas faces”.

Já Carlos Burlamaqui Kopke, em *Do Ensaio e Suas Várias Direções* (São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, sd.), atento a questão levantada por Sílvio Lima, em *Ensaio Sobre a Essência do Ensaio* (Coimbra: Armênio Amado Editor, SUC.,1944), a respeito de ser este um gênero literário ou uma atitude mental, responde “com a preferência a gênero literário...” (P.8).

Ambos, me parece, têm razão e podem perfeitamente se complementar. Liberdade, crítica, autonomia, mobilidade, independência, complexidade, especulação, digressividade, estilo são alguns dos traços peculiares ao gênero, resumido pelo professor Sílvio Lima, na obra referida, em três princípios basilares, a saber: o autoexercício das faculdades, a liberdade pessoal e o esforço constante pelo pensar original (P. 56).

No primeiro princípio como que se repelem os argumentos de autoridade externa, socorrendo-se o ensaísta de sua própria inteligência e sensibilidade para avaliar o sentido, a espessura e o alcance das coisas tomadas a exame, fiando-se, portanto, na sua disciplina interior, na sua “legislação interna”, no sentido de esclarecer e tornar inteligível a realidade ou o fato sob análise.

Pelo segundo, o ensaísta traz à tona o peso de suas vivências subjetivas e objetivas, aquele “saber de experiências feito”, como diz o poeta, forjado nas ofertas que

a vida fabrica em sua dinâmica incontornável.

No terceiro, a seu turno, é a atitude crítica que movimentada o entrelaçar das ideias, numa direção contrária ao dogmatismo e à ignorância. Neste sentido, afirma, com propriedade, Sílvio Lima: “[...] o ensaio é uma atitude ginástica do intelecto que, repudiando o autoritarismo, pensa firmemente por si só e por si próprio. Quer dizer, o ensaio é o espírito crítico, o livre-exame” (P. 63).

Não existe uma temática precisa para o ensaísta. Tudo pode ser motivo de reflexão. O que conta, aqui, é a liberdade de pensar, e pensar na medida em que se escreve, sem se deixar seduzir pela certeza das conclusões. Mais importante do que definir e elaborar respostas convincentes, é pavimentar o caminho das perguntas, das indagações, sempre com aquela postura aberta diante das questões abordadas. Massaud Moisés, no verbete a ele dedicado em seu *Dicionário de Termos Literários* (São Paulo: Cultrix, sd.), situa o problema nos justos termos, ao assegurar que

{ ... } o ensaísta não busca provar ou justificar as suas ideias, nem se preocupa com lastreá-las eruditivamente, nem menos ainda, esgotar o tema escolhido; preocupa-o, fundamentalmente, desenvolver por escrito um raciocínio, uma intuição, a fim de verificá-lhe o possível acerto: redige como a buscar a ver, na concretização verbal, em que medida é defensável seu entendimento do problema em foco” (P. 177).



FOTO: PIXABAY

‘Clássicos Jackson’: em *Ensaístas Ingleses*, Lúcia Miguel Pereira sustenta a ideia de que o ensaio seria, em última análise, uma “atitude mental”

► O ato de escrever, portanto, funciona, para o ensaísta, como uma tática de esclarecimento do seu próprio pensamento. Como algo que se ensaia se fazendo e se faz no limite mesmo do ensaio, isto é, do ensaiar-se. Diria que preside sua feitura algo de lúdico, algo que se cristaliza mais no comover e seduzir do que mesmo no persuadir ou comprovar. É a esfericidade da reflexão, o seu ritmo pessoal, a sua originalidade, aquele “metodicamente não metódico”, de que fala Adorno, em “O ensaio como forma”, que vai caracterizar a sua substância constitutiva.

Para tanto, à semelhança da crônica, o ensaio não subsiste sem a estética do estilo. Ainda que os elementos referenciais devam prevalecer na condução do pensamento, pois o ensaio é um gênero que não abdica da discussão, da informação e da crítica, tem, na beleza da palavra empregada, na sua clareza, no seu brilho, na sua fatura verbal erigida em arranjos especiais de sons e sentidos, um de seus nutrientes fundamentais. Configura-se, assim, uma estética do ensaio, não importa se o ensaio advenha das especulações literárias, filosóficas, políticas, éticas, psicológicas, cotidianas.

Tal aproximação não o transforma, no entanto, na crônica, sobretudo porque a crônica exige, com certeza, uma leveza maior, um certo calor lírico que a insere na sintaxe da prosa poética ou do poema em prosa, afeitos, ambos, mais ao toque sutil das sensações subjetivas do que da objetividade das ideias.

Mas também, se contém, na sua intimidade, o olhar crítico, o impulso exegético, isto é, a virtualidade de contradizer e desmontar este-reótipos conceituais e doutrinas absolutas, não se confunde com a crítica em si. Gênero analítico, heurístico e julgador por excelência, moldado através de dispositivos de conhecimento que tentam se comprazer, no que for possível, com a verdade dos fatos. Digo, dos fatos estéticos e literários. Esses cujo epicentro se localiza na sua potencialidade artística.

Roberto Alvim Correa, num dos capítulos de *O Mito de Prometeu* (Rio de Janeiro: Agir, 1951), dedicado ao ensaio literário de origem francesa, assim resume bem a questão:

*Atrai particularmente no ensaio literário o espírito de sinceridade e de tentativa que ainda não receia se opor a si mesmo, aceita tendências diversas, dissonâncias, contradições, procura, descobre, experimenta, não visa à unidade do pensamento – essa unidade nem sempre autêntica e que, resultando de um esforço demasiadamente deliberado e arbitrário, afasta a realidade em vez de apreendê-la. (P. 113).*

Voltando-se para o ensaio literário, o crítico abrange, não obstante, qualquer tipo de ensaio. Seja o ensaio de teor subjetivo, aquele que os ingleses chamam de “familiar essay”, atento à variedade dos motivos pessoais e cotidianos e que tem, em nomes como Bacon, Cowley, Addison, Lamb, Hazlitt, Carlyle, Ruskin e Pater, entre outros, figuras de proa; seja o ensaio crítico preocupado com os artefatos estéticos e literários, à maneira de *Meditações do Quixote*, de Ortega Y Gasset, ou de *Do Sentimento Trágico da Vida*, já numa linhagem filosófica e moral, de Miguel de Unamuno, na geografia espanhola; seja ainda o ensaio de índole especulativa à maneira da tradição moralista dos franceses que, a partir de Montaigne vai se desenvolver numa vertente que passa por pensadores como Pascal, Chamfort, La Bruyère, Bossuet, Saint-Simon, Michelet, até desembocar em nomes como Racine, Valéry, Proust e Camus, entre tantos outros.

Montaigne é, sem dúvida, o mestre de muitos. O modelo do pensamento livre, da postura cética, não naquele sentido mais superficial da dúvida pela dúvida, mas na necessidade mais profunda de examinar o problema, de interpelar o sentido das coisas no seu movimento próprio e nas suas circunstâncias mais vívidas e imediatas. Dito de outra forma, o

ceticismo enquanto fundamentação do conhecimento. Os *Ensaaios*, publicados em 1580, inauguram, assim, a tradição ensaística moderna, naquilo que ela contém de secularização, racionalidade, erudição e informalismo, a despeito das múltiplas tendências que o gênero pôde desenvolver no âmbito das atividades intelectuais.

Sem se considerar, a rigor, obra filosófica, tomando-se a filosofia como sistema orgânico de pensamento, como tratado, embora espouse sempre um viés especulativo, não são poucas as obras de cunho ensaístico e muito menos os autores que podem reivindicar esta rubrica para si. Talvez esteja aqui o cerne da problemática, também decorrente, em certo sentido, da pouca reflexão acerca do gênero em suas diversas tonalidades, comparando-se, por exemplo, com a tradição teórica e crítica no que tange a outros, tais como a poesia, a ficção, o drama, a crônica e mesmo a crítica literária em si.

Perguntando-se o que é o ensaio, em prefácio ao livro de ensaios e perfis literários, *A Letra e o Discurso* (Fortaleza: Edições UFC, 2014), o poeta e crítico literário Dimas Macedo intenta uma resposta, neste parágrafo bastante elucidativo:

*A arte do pensamento por imagens, os assomos da intuição, a busca de um sistema de objetos indissociados, os domínios expressivos de afinidades, o movimento e a oscilação da escrita, entre a ficção e a reflexão, talvez respondam, em parte, o que seja o sentido supremo do ensaio. (P. 9).*

Pensamentos por imagens me parece central na confecção do estilo, também tocado pelo movimento e pela oscilação, o que vai garantir ao ensaio a flexibilidade na mentalização dos fatos, seu processar a fatura do conhecimento sem os requisitos da estratégia e da disciplina acadêmicas. O ensaio não é uma monografia, uma dissertação, uma tese. É uma escrita incerta, crítica de si mesma, em que a verdade procurada não dispensa, nessa procura, o fulgor estético da palavra. ►

## ▶ ENSAÍSTAS: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Além das obras que cito na costura de meu próprio texto, e cito uma que me parece seminal, isto é, *Ensaio Sobre a Essência do Ensaio*, do professor de Letras da Universidade de Coimbra, Silvio Lima, passarei em revista algumas referências que podem ajudar os interessados a aprofundar o debate e a ampliar o seu horizonte de expectativa no que tange à compreensão da natureza do ensaio.

Alexandre Eulálio, por exemplo, teve a preocupação em estudar o gênero na tradição literária do Brasil. No primeiro capítulo de *Escritos* (Campinas, SP: editora da UNICAMP; São Paulo: Editora UNESP, 1992), traça um percurso histórico do ensaio na literatura brasileira, desde os idos de 1800 até 1950, aludindo a obras e autores que sedimentam uma trajetória, contribuindo para a configuração do ensaio literário nas letras nacionais.

Atento à plasticidade do gênero, demonstra como, aqui, o ensaio se aclimatou nos espaços da imprensa, desde os primeiros escritos de Hipólito da Costa, no *Correio Brasiliense* e no *Armazém Literário*, passando por diversos órgãos de cultura e muitas revistas, até culminar na densidade livresca de ensaios científicos, históricos, sociológicos, antropológicos, estéticos e literários, nos moldes de *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado, e *Casa Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre.

O traço característico desses ensaios, que são verdadeiros estudos de civilização, reside principalmente no aparato estilístico. Não se constituindo prosa de ficção, exigem de si, não obstante, um cultivo especial da qualidade artística da palavra em sua tessitura, o que os situam numa espécie de zona intermediária, ou seja, num curioso intervalo, entre a ciência e a arte, entre a história, a antropologia, a sociologia e a literatura. O acabamento singular das palavras, nesses textos, se nos conduz por um campo temático entrevistado numa perspectiva pessoal, livre e autônoma, também nos leva a perceber e a apreciar a nota estética com a qual a linguagem se compraz.

De outra parte, Alexandre Eulálio, nesse trabalho único, me chama

a atenção para a possibilidade dos intercâmbios discursivos que o ensaio, em suas múltiplas modalidades e na sua intrínseca liberdade de criação, estabelece com gêneros afins, sobretudo praticados na esfera jornalística, considerada a flexibilidade do folhetim, dos artigos de fundo, das polêmicas, dos ensaios críticos, até mesmo dos sermões, e da crônica voltada para *o fait divers*, bem próxima ao ensaio familiar dos ingleses.

Não são poucos os nomes que integram a galeria dos grandes ensaístas brasileiros elencados pelo estudioso, desde aqueles que se exercitam no ensaio breve, onde a leveza do estilo compactua com a originalidade do olhar, até aqueles que se firmam no ensaio longo, de fôlego, a partir do qual deixaram uma herança monumental na tradição do pensamento crítico brasileiro.

Entre tantos, destaco, Lopes da Gama, João Francisco Lisboa, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Augusto Meyer, Oliveira Lima, Oliveira Viana, Gustavo Corção, Alceu de Amoroso Lima, Otávio Tarquínio de Souza, Gilberto Amado, Álvaro Lins, Wilson Martins e Fausto Cunha.

Em seu livro *Filosofia, Povos, Ruínas*: páginas para uma filosofia da história (Rio de Janeiro: Caliban, 2002), Nelson Saldanha examina o assunto no capítulo, "Problemática do ensaio". Seu objetivo, além de teórico e crítico, é também histórico, destacando a origem do ensaio à época da Renascença e dentro do contexto de secularização do Ocidente onde a individualidade e, portanto, a subjetividade, adquire um protagonismo social de intensa relevância, tendo em Montaigne, com seus *Ensaaios*, o ponto de convergência dessas inquietações e o ponto de partida para a sedimentação do gênero.

Nelson Saldanha ressalta o caráter informal do ensaio, embora, para ele, este informalismo não seja absoluto, porquanto "há sempre um fundo de exigências culturais que se refletem so-

bre ele, junto com modelos e vigências que sobre ele atuam".

Manuel da Costa Pinto, em *Albert Camus: Um Elogio do Ensaio* (São Paulo: Ateliê Editorial, 1998), traz uma contribuição decisiva para a discussão, sobretudo na primeira parte, distribuída em três capítulos, todos voltados, em linhas gerais, para uma abordagem exegética do ensaio no sentido de, na segunda parte, comprovar a teoria, a partir da leitura minuciosa e por dentro dos textos de Camus. O segundo capítulo é dedicado ao pensamento de Lukács e de Adorno, ambos teóricos do ensaio: aquele, no título *A Alma e as Formas* (1974) e este, no texto "O ensaio como forma", inserido em *Notas Sobre Literatura* (1984).

Mesmo que a obra, fruto de sua dissertação de mestrado defendida no Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tenha, como escopo precípuo, a análise das componentes ensaísticas da produção filosófica e literária de Albert Camus, encerra elementos importantes no que concernem à problemática do ensaio, em sua natureza teórica e genérica, na medida em que, especulando acerca do tema, o autor dialoga com grandes ensaístas preocupados com o ensaio.

Embora vinculado aos aspectos regionais, Flávio Loureiro Chaves, em *O Ensaio Literário no Rio Grande do Sul* (1868-1970) (Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979), também implementa a discussão, uma vez que, ao contextualizar historicamente o percurso dos ensaístas daquela região, num trabalho de historiografia e crítica literária dos mais significativos, tece lúcidas e pertinentes considerações teóricas a respeito do ensaio. A propósito, pesquisa que pode servir de paradigma para os outros estados da federação, o que só viria abastecer o patrimônio documental de cada região, ampliando, assim, o espectro da literatura brasileira. ▀

**Hildeberto Barbosa Filho (HBF)** é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem, e Valeu a pena*.

# Belchior:

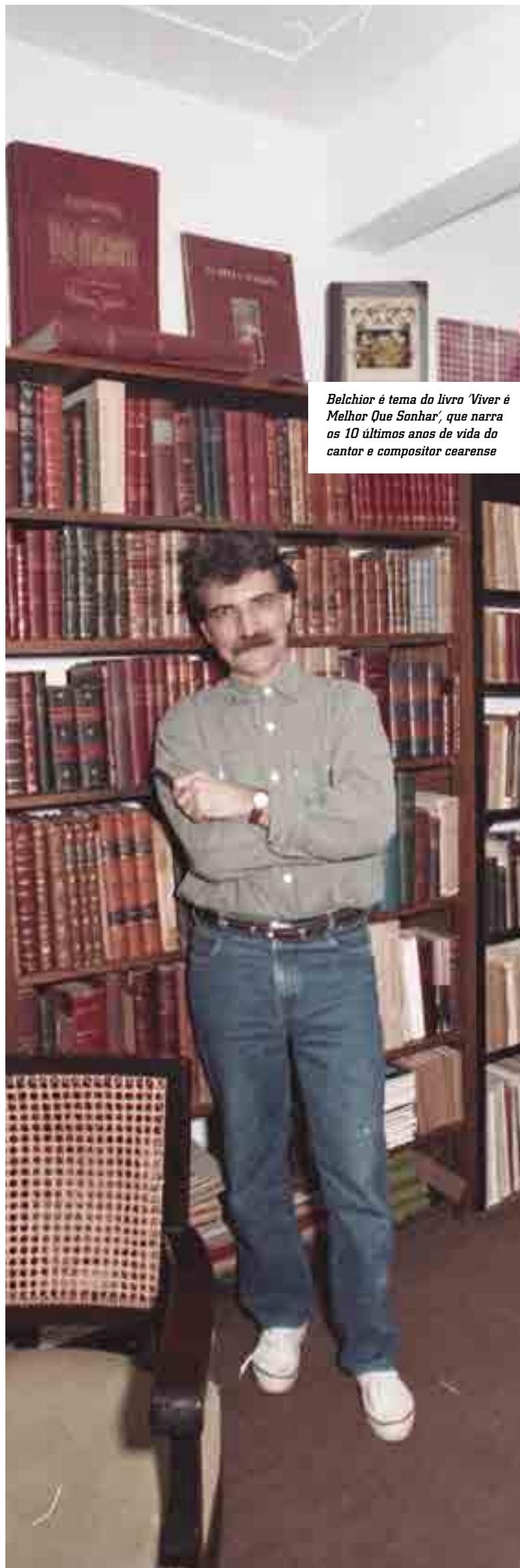
## o mistério do fim

**Francisco Gil Messias**  
*gmessias@reitoria.ufpb.br*

**O**s dez últimos anos de vida de Belchior, o genial cantor e compositor cearense que tanto impactou a música popular brasileira, foram e continuam sendo um mistério, mesmo com todas as informações colhidas até hoje pelos que se dispuseram a desvendar o enigma. Um livro recentemente publicado, de título *Viver é Melhor Que Sonhar – Os Últimos Caminhos de Belchior*, de autoria dos jornalistas Chris Fuscaldo e Marcelo Bortoloti (Sonora Editora, 2021), ajuda muito na compreensão dessa década obscura (2007-2017), mas ainda assim resta muita coisa não esclarecida, até porque o próprio Belchior guardou só para si as razões mais íntimas da decisão que o levou ao que nós podemos chamar de “exílio”.

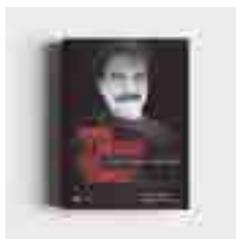
Os fatos exteriores desse voluntário exílio são hoje mais ou menos conhecidos. Em 2007, depois de completar sessenta anos, Belchior rompeu com sua vida tal qual era até então. Separou-se de Ângela Margareth Henman, com quem foi casado por mais de trinta anos e teve dois filhos, e gradualmente foi se afastando da família, dos antigos amigos, da vida artística, enfim, de tudo que possamos chamar de “vida normal”, para assumir, ao lado da nova companheira Edna Assunção de Araujo, também chamada de Edna Prometheu, uma existência praticamente nômade, anônima, com muitas dificuldades financeiras e, a partir de certo ponto, também fugitiva da lei e dos credores.

FOTO: CLOVIS CRANCHI/ESTADÃO CONTEÚDO



*Belchior é tema do livro 'Viver é Melhor Que Sonhar', que narra os 10 últimos anos de vida do cantor e compositor cearense*

► É provável que Belchior não tenha tido, inicial e completamente, consciência da virada de rumo que estava dando à sua existência nem das inúmeras consequências da ruptura com a “normalidade”. Ele certamente não pensou, quando decidiu afastar-se de tudo, que as coisas tomariam uma direção caótica, destrutiva e irreversível que o levaria a passar fome, dormir ao relento, usar roupas emprestadas, fugir de hotéis sem pagar a conta, morar de favor na casa de estranhos, não ter dinheiro para absolutamente nada, perder seu patrimônio, enfim, transformar-se praticamente num mendigo. É possível que, no começo do rompimento com a vida pretérita, ele buscasse apenas um tipo de



**Curioso é que durante esses dez anos finais, com tantas agruras e tantas dores, Belchior manteve-se o mesmo homem cordial de sempre, “firme, sereno, cheio de bom humor, interessado no outro” (...). Essa cordialidade é unânime nos depoimentos dos que cruzaram o caminho do cantor nesses anos marginais.**

afastamento provisório, uma certa desconexão com a carreira e suas exigências, uma certa fuga que lhe permitisse descansar e refazer-se à margem da estrada. Mas aí as coisas saíram de seu controle e ele nunca mais conseguiu – ou quis – retomar as rédeas da vida.

E o curioso é que durante esses dez anos finais, com tantas agruras e tantas dores, Belchior manteve-se o mesmo homem cordial de sempre, “firme, sereno, cheio de bom humor, interessado no outro”, conforme apuraram os autores do livro citado, após ouvirem várias pessoas que o acolheram em sua caminhada trágica e sem destino. Essa cordialidade é unânime nos depoimentos dos que cruzaram o caminho do cantor nesses anos marginais. Sempre uma pessoa gentil, sem amargura, comunicativa, que procurava compensar o comportamento difícil da companhia que o guiava, como se dele fosse senhora e dona. Sobre isso, pode-se dizer, para usar um chavão, que nunca perdeu a ternura, e que, perdendo-se, encontrou-se finalmente.

Essa companhia, que entrou em sua vida de repente e dela se assenhoreou completamente, era, pelo que se apurou, uma pessoa instável e talvez mesmo desequilibrada do ponto de vista psíquico. E, no entanto, ele se deixou levar e conduzir por ela, docilmente, rumo ao abismo cada dia mais próximo. E ela nem era muito bonita, essa enigmática Yoko Ono do nosso Lennon cearense.

Nesses dez anos de exílio, Belchior pouco pegou em violão e raramente cantou alguma de suas belas canções. As pessoas com quem conviveu nessa fase final, sem saber de seus dramas interiores, normalmente lhe pediam para cantar, mas ele sempre – ou quase sempre – conseguia se esquivar, como se revisitar a sua obra lhe doesse. Uma vez, em época natalina, ele cedeu ao apelo de quem lhe hospedava e preparou-se para cantar “Galos, noites e quintais”. Chegou a dedilhar a música ao violão, mas então “abraçou-se ao

instrumento e chorou dolorosamente”, sem nenhuma explicação. No dia seguinte, foi embora sem despedidas, apenas com a roupa do corpo, “para nunca mais ser visto pelo anfitrião”.

E assim foi sua vida até o final. Vida nômade, marginal e de fuga. Fuga da lei, pelo não pagamento de pensão alimentícia; dos inúmeros credores, pela não quitação de dívidas; da vida regular de outrora, por tudo que ela representava de compromissos com as pessoas e o mundo. Durante a madrugada de 30 de abril de 2017, após ter-se deitado, com dores nas costas, no sofá do escritório da casa em que vivia em Santa Cruz do Sul, Belchior partiu dormindo. Sua aorta rompeu-se sem nenhum aviso. E, em silêncio, ele finalmente encontrou a paz que vinha perseguindo há anos.

Uma pergunta que resta e para sempre restará sem resposta é por que Belchior quis se apartar do mundo, deixando para trás tanta coisa que lhe era cara, como família, carreira, amigos, um certo conforto, uma certa segurança. Ninguém poderá desvendar tamanho mistério, que é da ordem mais íntima e mais profunda. Esse é um segredo que o próprio exilado não quis revelar em nenhum momento de seu degredo. Entretanto, pela intuição, podemos nos aproximar um pouco, mesmo que de longe, de suas personalíssimas razões, pois quem de nós, em algum instante da vida, já não teve a tentação de jogar tudo para o alto?

Cada vez mais, cresce o reconhecimento de Belchior como um dos maiores talentos da história de nossa música popular. Um poeta, um cantor, um compositor, um intelectual inigualáveis. Talvez um gênio. Irmão sofrido de Rimbaud, de Bob Dylan e de John Lennon. Irmão de todos os rapazes latino-americanos em busca de um destino. Irmão sobretudo nosso, nordestinos e brasileiros, cujas angústias e sonhos soube cantar belamente como ninguém. ✖

**Francisco Gil Messias** é Procurador Federal aposentado. Publicou três livros: 'Olhares' e 'A Medida do Possível', ambos de poemas, e 'Um dedo de prosa', coletânea de crônicas. É colaborador habitual do Correio das Artes. Nasceu e vive em João Pessoa (PB)



## A teoria do riso em Chaplin

**N**a história dos bastidores do cinema já é folclórica a obsessão que tinha Charles Chaplin (1889-1977) com a confecção dos seus filmes. Um lance cômico que, para o público parecia a coisa mais espontânea do mundo, era o resultado de verdadeira

pesquisa mental, visual, dramaturgica, em que gastava semanas, ou meses, ruminando, e a composição de cada tomada era outra interminável pesquisa plástica, às vezes filmando a mesma cena dezenas de vezes para escolher a mais efetiva.

Essa disparidade entre construção artificial e impressão de espontaneidade pode estar em outros cineastas, mas em Chaplin ela implica toda uma teoria do riso que, curiosamente, aparece ficcionalmente “formulada” num filme que, por motivos biográficos, o cineasta terminou por desdenhar, posteriormente lançado em vídeo como item da *Coleção Charles Chaplin*.

O *Circo* (*The Circus*, 1927) parece ser somente um inocente filme sobre o vagabundo que só é engraçado quando não sabe que está sendo e, no entanto, se lido à luz da obra completa do autor, quanta lição teórica ele não contém. Verdadeiro avatar de reflexão sobre o fazer chapliniano, surge diante de nossos olhos tardios como uma construção em abismo, altamente elaborada e cheia de camadas, que se sobrepõem umas às outras.

A estória em si é simples: fugindo da polícia, um vagabundo entra, por acidente, num circo e a plateia ri com ele, muito mais do que com os palhaços. O dono do circo tenta contratá-lo, mas nos ensaios, ele se revela sem graça e inepto para a tarefa.

Depois, por outro acidente, é contratado para ajudante de cena e, de novo, sem querer, faz a plateia gargalhar, atrapalhando o trabalho dos profissionais. Enfim, o dono resolve, espertamente, assumir a farsa, mantendo-o como ajudante e lucrando com suas trapalhadas es-



FOTO: DIVULGAÇÃO

Charles Chaplin  
como Carlitos em  
cena do filme 'O  
Circo', de 1927



*Plateia diegética: público do circo faz um contraponto com o público espectador do filme a partir da atuação de Chaplin*

- ▶ pontâneas, com o maior cuidado para que ele não descubra que é “a estrela do show”. Mas, no dia em que o vagabundo descobre que é a “estrela”, sua graça se evapora, as plateias deixam de rir e ele é sumariamente despedido.

Na impossibilidade de uma análise mais extensiva, aqui me limito a anotar algumas questões que apontam para a complexidade conceitual do filme. Seria interessante considerar a própria noção de “espontaneidade” como ficcionalmente tratada, a qual revela um paradoxo, que está na confusão que se faz entre Carlitos e Chaplin, personagem e autor, por sua vez, paralela àquela outra, entre plateia diegética (os frequentadores do circo no filme) e plateia real (nós espectadores do filme).

Por aí seria bom distinguir pelo menos três tipos de cenas com a figura de Carlitos em *O Circo*, cada uma mais complexa que a anterior: (1) cenas sem plateia diegética; (2) cenas com plateia diegética e riso; (3) cenas com plateia diegética sem riso.

O que acontece em (1) é o que está em todos os outros filmes do autor, o vagabundo fazendo as suas trapalhadas “espontaneamente” e para um público invisível, que somos nós. O que acontece em (2) é a projeção dessa plateia invisível, na plateia dos frequentadores do circo que, ou riem por nós, ou conosco, diante de um Carlitos ainda “espontâneo”. O que acontece em (3) é a mesma projeção, com a diferença que Carlitos deixou, ficcionalmente, de fazer efeito porque, só agora – e não em (1) e (2) – ele está tentando fazer efeito. Não precisa

dizer que riso diegético e riso real não são necessariamente coincidentes.

Não sei até que ponto o esquema permite ao leitor tomar consciência do paradoxo implícito: Carlitos seria esse “cômico” que só provoca o riso se não tiver a deliberação de provocá-lo, quando se sabe que, sem interessar que tipo de cena está em cartaz, se (1), (2), ou (3), a construção do personagem contradiz a ideia, isto é, o Carlitos de (3) é, na verdade, muito mais, e não menos, elaborado que o de (1) e (2).

O filme trabalha, maldosamente, com essa ilusão de que a mera intenção de provocar o riso já o anula – o conceito popular de humor, aquela ideia comum que se têm de uma “pessoa engraçada” ser naturalmente espontânea. Em suma, tudo aquilo em que Charles Chaplin jamais acreditou. Nem fez.

Que mensagem fílmica e fazer cinematográfico estejam em tamanha oposição, eis um dos mistérios na arte de um dos maiores cineastas do mundo. ❖

**João Batista de Brito** é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

# Rodrigo Falcão

## O Mambembe

Atenção crianças, o espetáculo começou!  
 Tem palhaço e ventríloquo  
 Tem o malandro que caminha na praça da fé  
 Joguem dinheiro parabenizando os atores  
 Passar a vida sendo mambembe é ver horrores

Tem previsão do futuro  
 Tem cachorro em cima do muro  
 Roubo que nem furo  
 Caminhão se tornando um bagulho  
 E a fuga como prelúdio

E assim vai  
 Espalhando graça e beleza  
 Os mestres da arte  
 Os inventores do riso  
 Os reis do riso

Mambembes somos  
 Malucos dispomos  
 A vida reserva o bem e o mal  
 Mas sabemos equilibrar  
 Se um dia alguém deixar

## Soneto Para Andréa

*Para Andréa Monteiro*

Tu és uma aquariana arisca,  
 Mas me encanta com seu olhar  
 Com sua racionalidade, tens medo de gostar;  
 E em meu pensamento, caio na sua isca.

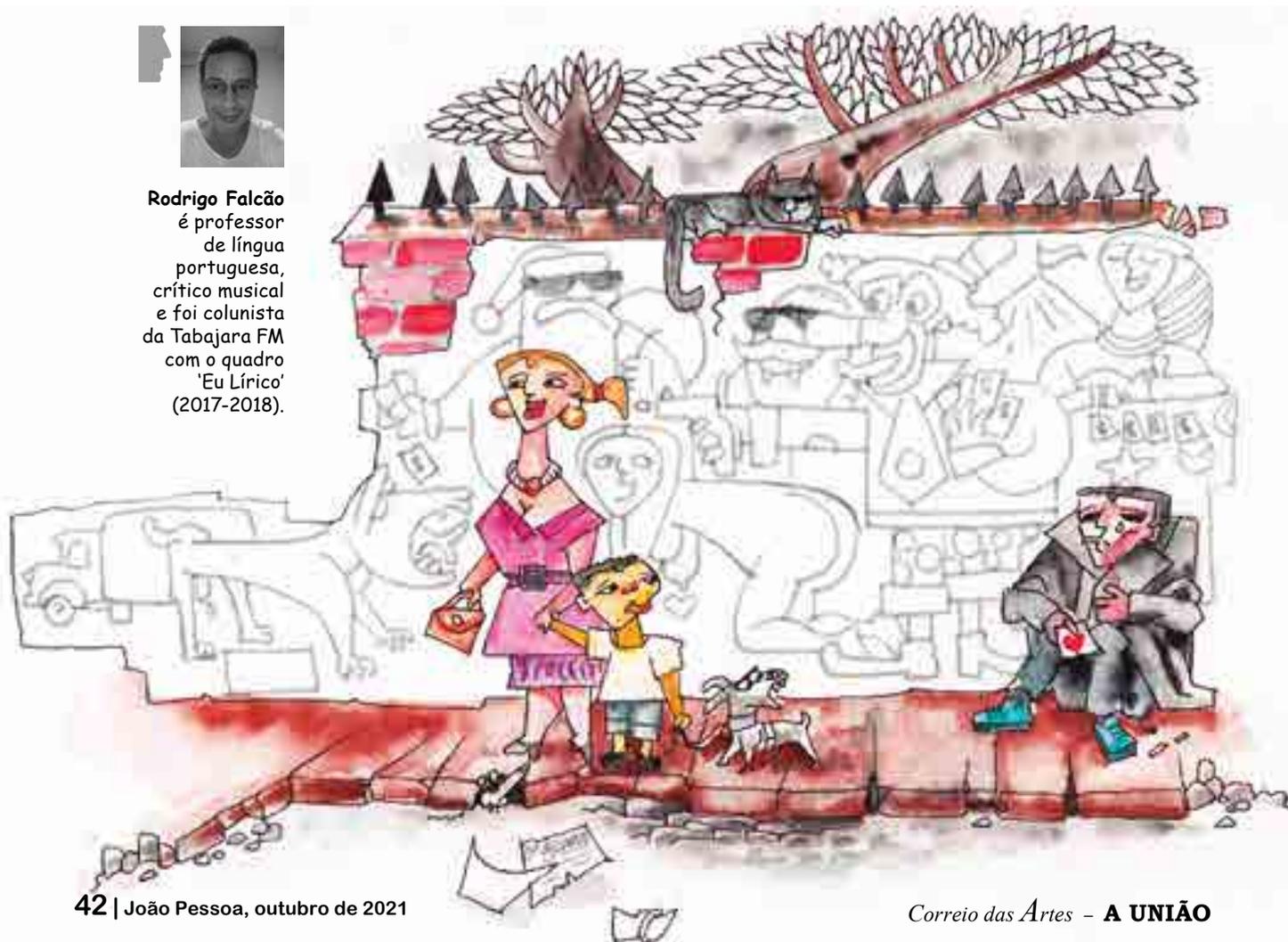
Quando você dança as palavras jazem  
 Pois procuro em sua essência relatar  
 A mulher inefável que vivo a admirar;  
 E batalha em meio às vicissitudes que os momentos lhe trazem

Teu sorriso traduz o âmago em forma de acalanto  
 E as incertezas que busco ao te ver;  
 Decifram-te até quando falo em esperanto.

Assim, tu és a menina que dança,  
 Numa constelação que me seduz;  
 E na obstinação do ser que reluz.



**Rodrigo Falcão**  
 é professor  
 de língua  
 portuguesa,  
 crítico musical  
 e foi colunista  
 da Tabajara FM  
 com o quadro  
 'Eu Lírico'  
 (2017-2018).



JORNAL A UNIÃO,  
O ÚNICO EM  
SUAS MÃOS.

Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.

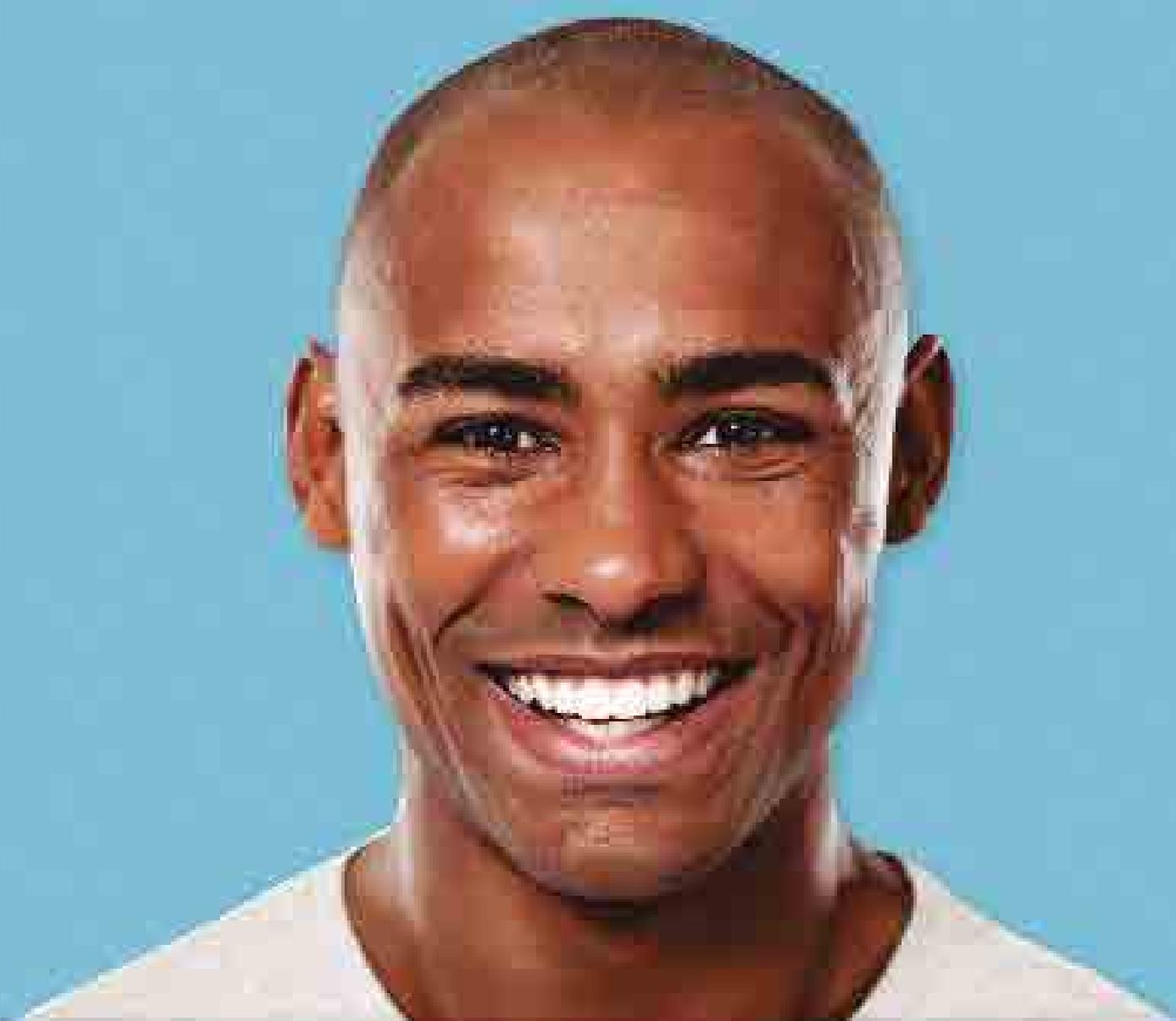


**A UNIÃO**



EMPRESA  
PARAIBANA DE  
COMUNICAÇÃO

# o SESC CUIDA DO SEU SORRISO



Agenda sem consulta  
Segunda a sexta | 07h às 19h  
(83) 3241-3491 / (83) 99996-0002

